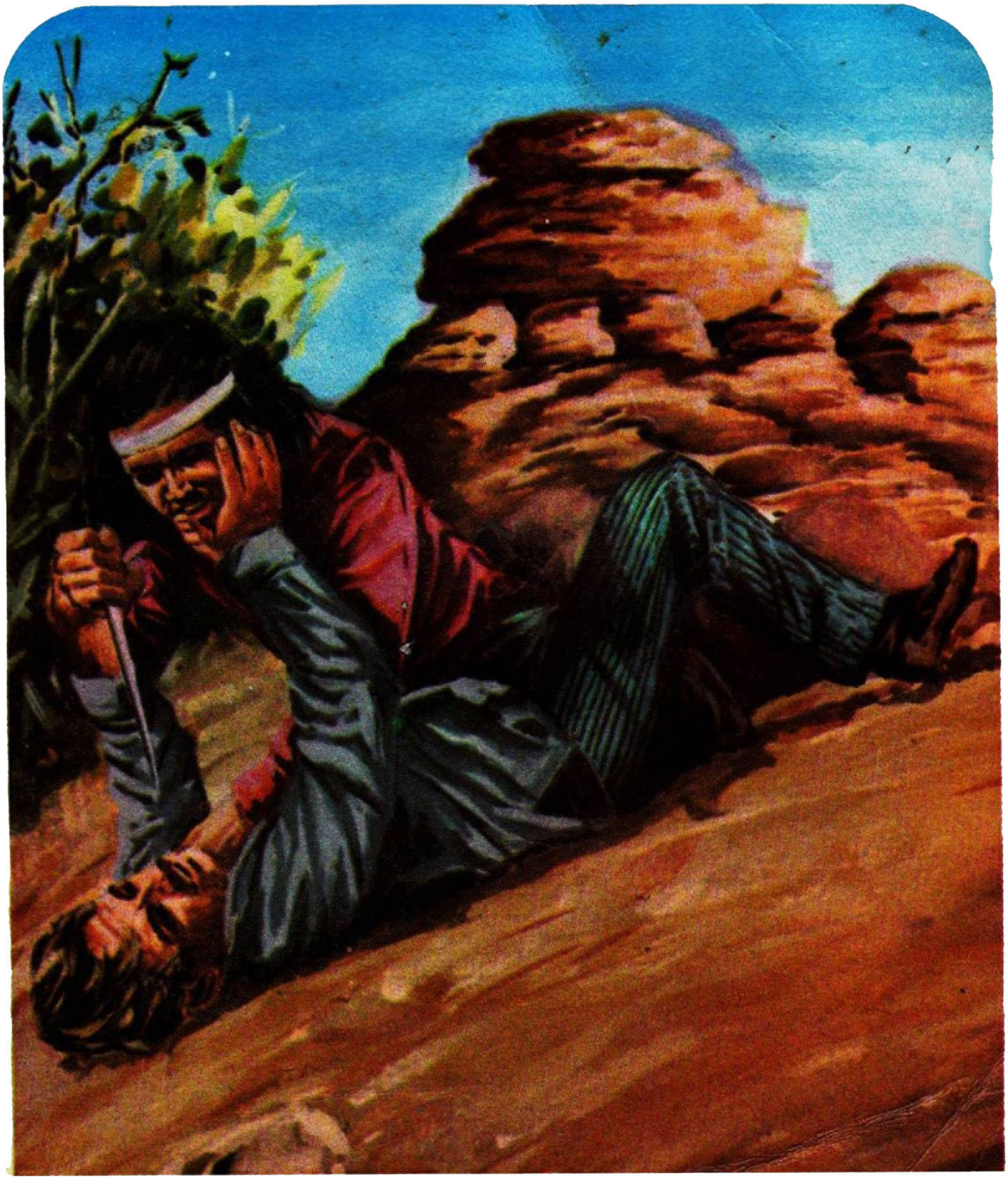
CHUMBO QUENTE

BARRY POPE

A FÚRIA DOS IOWAS!



CHUMBO QUENTE

apresenta

12/06

Coleção CHUMBO QUENTE

Números publicados e ainda não esgotados:

1 — COBIÇA MORTAL
2 — MORRER COMO HOMEM
3 — BRINCANDO COM FOGO
4 — O FIM DOS CANALHAS
5 — DIGNA VINGANÇA
6 — ESTRANHA AMIZADE
7 — NINHO DE RATOS
8 — JUIZ LADRÃO
9 — XERIFE SAFADO
10 — RIFLE DE OURO
11 — TURMA DE CANALHAS
12 — QUE DEUS A PERDOE
13 — GARRAS DE FERA
14 — FURACÃO DE BALAS
15 — MARCAS DA MORTE
16 — O PUNHAL DO INDIO
17 — VOCÊ É TRAIDOR
18 — OS LINCHADORES
19 — HOMENS DE AÇO
20 — IMPACTO DO CHUMBO
21 — DUELO DA NOITE
22 — PROVA DE FOGO
23 — DIABO NEGRO
24 — FRIO E PERIGOSO
25 — NINHO DE CANALHAS
26 — EMPRESTIMO SINISTRO
27 — VINGANÇA DE MULHER
28 — NA HORA EXATA
29 — ACABOU A BAGUNÇA
30 — DELEGADO DE GELO
31 — VALOR DE UM CRIME
32 — A FÚRIA DOS IOWASI

A publicar:

33 — HORDA DE FANÁTICOS

A FÚRIA DOS IOWAS!

BARRY POPE

Capa de PERON SILVA

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo nº 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.550 — TIJUCA — Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMLXXXIV Publicação no Brasil
Composto e Impresso pela
GRÁFICA EDITORA LORD
Distribuído por
FERNANDO CHINAGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não têm qualquer relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Uma herança pouco honesta

Assim que a diligência chegou a Malwen City, Vicky Hart suspirou aliviada.

— Uf! Até que enfim! Já começava a ficar impaciente. Também, com este atraso de quase uma hora, quem é que não fica?

Quando o cocheiro entrou pela rua principal, os cavalos redobraram o galope.

Curiosos começavam a se espalhar pelas calçadas, aos empurrões, cada qual querendo chegar primeiro à estaçãozinha. Ora, a chegada da diligência semanal ao povoado constituía um verdadeiro acontecimento.

Para quem vivia sem outra distração, aquilo

era mesmo um divertimento, por causa das caras novas, das notícias recentes e uma novidade sempre causa alegria... quando não é uma novidade ruim, é lógico.

Malwen City ficava situada ao sudoeste de Kansas. Povoado em plena formação, que ultimamente vinha crescendo num ritmo alucinante, vertiginoso, devido às suas magníficas terras. Os ranchos iam-se multiplicando cada vez mais rapidamente.

Ao frear, o cocheiro teve de fechar os olhos. A poeira que subiu dava para afogar qualquer sujeito.

Fazia um calor insuportável.

Vicky desceu à calçada de tábuas, carregando sua pouca bagagem, e ficou parada, olhando um tanto perplexa aquela pequena multidão de curiosos barulhentos.

Notou que alguns perguntavam: "Quem será?"

Vicky era muito bonita, nos seus vinte e dois anos. Maçãs do rosto salientes, nariz um pouco avermelhado. Em compensação, tinha olhos maravilhosos, uma dentadura tão alva que chegava a fazer inveja.

Talvez um pouco magra, mas assim mesmo elegante. Não se podia dizer que fosse de uma beleza sem par, mas nem por isso deixava de ser atraente.

Seu irmão Spencer, recentemente assassinado, lhe deixara de herança uma casa e um belo rancho, com cavalos e bois. Uma boa herança, sem sombra de dúvida, e ela viera ao povoado para tomar posse do que lhe pertencia.

Não via Spencer havia aproximadamente quinze anos, portanto, quase não lhe guardava recordações. O rapaz tinha abandonado o lar assim que seu pai se casara com a mãe de Vicky, com quem vivera até então amasiado.

Com ciúmes da madrasta que, no seu pensar, lhe tinha diminuído a afeição do pai, Spencer partiu, indo residir com uns parentes distantes, por parte de sua mãe.

E agora, por ironia ou sarcasmo do destino, ela estava ali para receber como herança toda a fortuna deixada pelo meio-irmão.

Viu aproximar-se um homem de seus vinte e sete anos, elegante, bem vestido, alto, simpático, moreno, bigode muito preto e sorriso franco, que, tirando o chapéu, estendeu-lhe a mão.

— Senhorita Vicky?

— Sim, sou eu.

— Seja bem-vinda a Malwen City. Meu nome é Charles Owen, ex-sócio de seu irmão Spencer.

Apertou a mão do rapaz, contente de ir logo encontrando um cavalheiro educado. Julgou que seria muito bom tratar de negócios com ele. Para ela tudo seria mais fácil nessas condições. Afinal, não tinha a mínima experiência de negócios.

Charles apontou um pequeno carro que estava parado junto à diligência, convidando:

— Venha comigo, Vicky. Vou levá-la à sua nova residência. Aposto que gostará. É uma bela vivenda.

Quando se ajeitaram no veículo, a moça perguntou de chofre:

— Como foi que Spencer morreu?

A carta que seu advogado lhe enviara falava ligeiramente em crime.

— De modo violento, Vicky.

— Assassinado?

— Bom, exatamente, não. Pelo menos, perante

a lei. Seu irmão morreu nas mãos do xerife local.

— Como foi? Acaso os negócios de Spencer...?

— Nada disso — apressou-se a responder Charles. — Os negócios de Spencer, que também eram os meus, estão dentro da lei. Você vai ver, Vicky. É uma história difícil de contar. Muito longa.

— Mesmo assim. Quero saber tudo.

— Ora essa, não pensava esconder nada. As coisas andam um pouco em rebuliço por aqui.

Depois de uma breve pausa, continuou:

— Seu irmão era muito cabeçudo. Um dia, há umas quatro semanas, o xerife o fez parar em pleno campo, quando conduzia uma carreta com mercadorias. Não sei se conhecia este pormenor, mas Spencer e eu nos dedicávamos ao tráfico de peles. É um bom negócio.

— Nunca soube nada a respeito de meu irmão, mas compreendo. Só penso uma coisa: para o xerife fazer isso, devia ter um bom motivo. Ele não iria provocar um aborrecimento por nada.

— Existia esse motivo, é lógico. Suponho que alguém está fornecendo armas e munições para os *iowas*, e existe uma lei que proíbe isso.

— Hum! Spencer vendeu alguma vez essas armas aos índios?

Charles Owen riu antes de responder:

— Que é isso? Já lhe disse que nossos negócios são honrados, tudo direitinho, dentro da lei. Mas também lhe disse que Spencer era muito cabeçudo. Negou-se a parar. Não permitiu que o xerife revistasse a carreta, que só transportava mercadorias legais. Então, o xerife quis detê-lo à força. Disparou contra a roda mas, por azar, a bala atingiu a mão de Spencer, que, gemendo, foi forçado a frear.

— Que aconteceu depois? Não me diga que Spencer morreu por causa de um tiro na mão.

— O xerife descobriu que na carreta não havia nada suspeito e se desculpou, alegando que havia recebido uma denúncia grave a respeito de contrabando de armas etc. Spencer, mesmo ferido, apanhou seu rifle para atirar no xerife. Então aconteceu. O xerife só teve que se defender...

Mostrou-lhe uma casa novinha em folha, situada no fim daquela rua:

— Olhe, ali está o seu novo lar. Foi construído por seu irmão e agora é seu, embora quase tenha chegado a ter uma outra dona.

— Como assim?

— Bom. Spencer ia casar dentro de poucas semanas. Construiu essa casa para morar com sua esposa, Magda, uma boa garota, que trabalha num *saloon* como cantora. Que voz, menina! Espero que você se dê bem com ela... Do contrário, Magda tem de ir embora. Legalmente, você é dona de toda a fortuna do seu falecido irmão. Por pouco, tudo não fica para Magda.

Vicky compreendeu a situação e, principalmente, o estado de ânimo da pobre Magda, que por pouco não era agora sua cunhada.

Puxa, uma bala maluca tinha posto tudo a perder. Concordou que ela tinha direito a alguma coisa, por espírito de justiça.

Charles parou o carro na entrada da casa.

Bateu e, logo depois, uma voz feminina convidou-os a entrar.

A cantora estava ali, de pé no meio da sala, olhando Vicky com certa ansiedade.

— Olá, Magda. Espero que sejamos boas amigas. Charles me contou tudo.

Aproximou-se e beijou-lhes as duas faces.

Magda gostou daquele aspecto ingênuo e correspondeu ao cumprimento de Vicky.

— Também espero que assim seja. Até que tudo se resolva, pois a casa lhe pertence e eu preciso ir embora...

— Nada disso, Magda. Meu irmão construiu esta casa para você. Iam casar. Ele a amava. portanto você também é dona. Pode ficar aqui a vida toda, se quiser. Faremos companhia uma à outra.

— Bom, depois vocês falam dessas coisas. Vicky está cansada da viagem, precisa tomar um bom banho, comer e repousar. Amanhã venho buscá-la para conhecer os escritórios da "indústria".

— *Okay*, Charles.

Magda conduziu a recém-chegada até seu quarto, mobiliado com encantador bom gosto.

— Para você deve ter sido um golpe muito duro, hem, Magda? — perguntou de repente.

Meditando antes de responder, Magda deu um sorriso triste:

— Sempre existe um motivo para uma mulher aceitar unir sua vida a um homem, embora esse motivo seja mesquinho, interesseiro. De qualquer forma, a gente sente a perda...

Vicky meditou naquelas frases ambíguas e verificou de imediato que Magda não amava seu irmão. Seu interesse por ele se havia escudado em algo muito diferente. Algo que escapava à sua percepção. Não era o afã de meter a mão na fortuna dele. Era outra coisa. Mas o quê?

Bateram à porta. Vicky perguntou:

— Quem será?

— Sei lá. Não espero ninguém. Em todo caso, não custa abrir.

A jovem viu a silhueta de um homem alto, forte, rosto barbeado, varonil. Um homem de feições enérgicas e pupilas de aço, que pareciam querer esquadrinhar os mais recônditos esconderijos do cérebro humano.

— Olá, Magda. Soube que a irmã de Spencer chegou.

— É verdade. É esta jovem aqui.

Fez um gesto de convite ao visitante e George entrou, cumprimentando a nova dona da casa, que ficou emocionada ao enfrentar-se com aquele

semblante digno. Sua emoção redobrou, ela ficou vermelha e pálida, simultaneamente, ao deparar com a estrela de prata no peito da camisa dele. Todo o seu entusiasmo esfriou. Então, aquele indivíduo belo, másculo, atraente, não era outro que o assassino de seu irmão?

Os pensamentos se embaralharam no cérebro da garota. Ela nada sabia a respeito dos negócios de Spencer. Talvez nem mesmo fossem negócios muito limpos, embora Charles afirmasse o contrário. Mas por que teria o xerife tomado aquela atitude? Se houvera uma denúncia podia ter algum fundamento.

De um modo ou de outro, fora muito azar mesmo. Também, para que Spencer se metera naquele embrulho? Por que tentara matar o xerife?

— Quer alguma coisa de mim, xerife? — perguntou em voz cortante.

— Sim, embora seja difícil. Parece que me odeia...

— Supõe, acaso, que deva estar alegre pelo fato de me ver transformada em herdeira única de meu irmão? Embora à custa da vida dele? Quer que aprecie o homem que o matou?

— Eu também podia ter morrido, senhorita. Veja esta cicatriz. É do tiro que seu irmão me

deu, sem aviso prévio. Disparei antes de cair inconsciente e só a isso devo continuar vivo, pois seu irmão estava bem resolvido a me liquidar.

George pronunciava estas palavras com secura, mas sem ódio.

— É um homem de sorte, xerife, por continuar de pé. Não acredito nisso que disse a respeito de Spencer. Lamento, mas acho que teria feito o mesmo, no lugar dele. Não tinha por que exigir que ele parasse a viatura só para lhe agradar.

George Manley fez um gesto ambíguo com a mão direita, como dando a entender que não levava a sério as ofensas da moça.

Atribuía tudo ao seu estado de ânimo, nada mais.

— Para que me procura agora? Fale depressa, pois estou cansada e, além do mais, não me agrada palestrar com o assassino de meu irmão.

Sustentou sem piscar o olhar de George Manley, um olhar em que agora se refletia uma forte reprovação.

— Não houve assassinato, senhorita — disse com firmeza. — Deve aprender a dar nome aos bois. Aplicar a cada coisa a palavra adequada.

Não é fácil defender a justiça. A gente luta para evitar que alguns sujeitos matem os outros, para que respeitem as leis. É horrível ver alguém morto a sangue-frio, mas às vezes somos forçados a matar também, para impedir que novos crimes sejam cometidos.

— Vai fazer um sermão? Previno-o de que detesto sermões. Afinal, xerife, que veio fazer aqui?

— Vim para preveni-la. Spencer sempre fez sujeira nos negócios. Muita sujeira. Deve ter cuidado com o sócio dele, esse Charles Owen, sujeito muito perigoso. Eu tenho o pressentimento de que ainda não está contaminada. Procure imunizar-se.

— Em que se baseia para afirmar tal coisa, xerife? Charles me pareceu excelente pessoa.

— Não confie nas aparências, senhorita Vicky. É um bom conselho. Só me faltam provas para acusá-lo num tribunal. Um dia as consigo e, se ficar aqui, vai ver também. Seu irmão, pelo menos, está livre de ir para a forca, pois já foi prestar contas lá do outro lado.

— Não creio numa só palavra sua. Parece que os acusa de contrabandear armas com os *iowas*. Foi o que Charles me disse.

— Realmente.

— Por que haveriam de realizar essa manobra de armas com os índios? Eles não precisavam disso. O tráfico de peles parece ser um negócio excelente.

— E é. Mas Charles e seu irmão ambicionavam muito mais.

— Como, por exemplo?

— Como formar um autêntico império. As granjas e os ranchos estão espalhados pela região. Vêem-se à mercê dos índios. As armas de fogo lhes permitem atacar em igualdade de condições com os brancos, melhor dizendo, em melhores condições, por causa da surpresa e maior número. Quando isto acontece, os sobreviventes cedem seus terrenos a qualquer preço. Só pensam em abandonar uma terra que lhes foi hostil e onde ficaram enterrados, para sempre, seus seres queridos. Isso cria um terrível clima de tensão. Os pescadores sacam as vantagens do rio revolto. Os pescadores são, neste caso, Charles... e seu falecido irmão. Adquirem os terrenos, cedidos a baixo preço pelos herdeiros dos donos mortos às mãos dos *iowas*.

Tais arrazoados, porém, não convenceram Vicky.

— Considero isso um bom negócio. Saber aproveitar as circunstâncias.

— Pura questão de critério, minha jovem. Se as coisas aconteceram como suspeito, para mim tudo não passa de um crime repugnante.

— Explique-se melhor.

— Deixe comigo. Dou-lhe um conselho: não concorde em ajudar seu sócio, se ele lhe propuser a compra do rancho, embora lhe ofereça uma soma relativamente boa.

— Isso é comigo. Não vou concordar mesmo. Quero participar no negócio de peles.

— Sim, isso é coisa sua, mas se descobrir algo criminoso, deve me comunicar imediatamente, pois do contrário será conivente na sujeira.

— Perfeito!

George deu meia-volta antes de sair, olhando vagamente para Magda, testemunha silenciosa daquela conversa entre Vicky e ele.

Os olhos de Magda adquiriram um brilho especial ao encarar George, mas depois baixou a cabeça, humilhada.

Quando o xerife saiu, Vicky disse baixinho:

— Um homem impressionante! Duro, forte, fiel aos seus princípios. E além disso, é um belo tipo!

Magda acrescentou:

— George é realmente maravilhoso... E muito mais do que isso: um homem de verdade!

O tom empregado por Magda deixou-a preocupada. Tudo indicava à sua intuição feminina que a moça estava apaixonada pelo xerife. Não compreendia era o fato de ter ela ficado noiva de Spencer, inimigo declarado de George Manley. Espírito de vingança?

Vicky reconheceu ter ficado também impressionada pelo xerife, mas confessava que, no seu foro íntimo, sentia-se atraída por Charles Owen, tipo mais afável... Não podia acreditar que ele fosse o canalha insinuado por George.

Retirou-se cedo para o quarto.

No dia seguinte, Charles foi buscá-la aí pelas onze horas.

— Aonde quer ir?

— A qualquer parte. Você não disse que íamos visitar o escritório, os armazéns? Adivinhe quem veio me visitar.

— Se eu fósse adivinhão, quanta coisa...

— Foi ó xerife.

O rosto de Charles ficou pálido.

— Que queria esse nojento aqui?

A moça contou tintim por tintim tudo quanto lhe havia dito George Manley. Charles deu uma gargalhada.

— Muito bem, Vicky. Você agiu direitinho. Não deve fazer caso das palavras desse despeitado. Sim, porque ele não passa de um despeitado.

— Despeitado?

— Exato. Quis ser meu sócio antes de Spencer entrar para o negócio, quando ainda não era xerife, e não permiti. É um patife e, como se isso não fosse o bastante, um sujeito mau, perverso, duro, desumano. E depois...

— E depois...?

— Bom. George se apaixonou por Magda e quis casar com ela, mas seu irmão se atravessou no caminho deles e levou a melhor. Daí, então, ele não fez outra coisa senão perseguir Spencer. Acho que se fez xerife exatamente para poder agir livremente contra nós, para nos com-

bater "em nome da lei", mas do modo mais rasteiro e mais ilegal do mundo.

— Já percebi tudo — respondeu Vicky, sentindo crescer dentro dela um ódio surdo contra George Manley.

CAPÍTULO SEGUNDO

Atacam os índios

Quando as últimas casas do povoado foram ficando para trás, Vicky falou ao companheiro:

— Sabe, Charles, eu gostaria de visitar a sepultura de Spencar.

— Claro, claro. Eu havia pensado nisso ainda há pouco. Veja só, que coincidência! O cemitério fica logo ali, do outro lado da colina.

— Vamos, então?

Owen desviou o carro por um caminho de terra batida e poucos minutos depois chegavam ao pequeno cemitério, todo cercado de altos ciprestes escuros, que subiam para o céu como se fossem torres.

Atravessaram a alameda principal, caminha-

ram entre cruzes e lápides de mármore, parando junto a um túmulo que ostentava uma laje com a inscrição:

Aqui descansa em paz Spencer...

A jovem olhou emocionada aquele pedaço de terra onde repousavam os restos mortais de seu meio-irmão, e sentiu um forte desejo de vingança.

Ouviram-se tênues pisadas em direção aos dois visitantes, e Vicky olhou de soslaio, trincando os dentes ao reconhecer o xerife, que agora estava parado junto a uma sepultura cuja cruz era gravada a punhal.

Os olhares dos dois se cruzaram; então, George deixou a posição primitiva e foi ao encontro dela:

— Bom-dia, senhorita Vicky. Olá, Owen!

Ambos ficaram silenciosos por um momento, depois a moça resolveu falar qualquer coisa:

— Não esperava encontrá-lo aqui, xerife. Vim visitar a tumba de meu irmão, essa criatura maravilhosa que você matou!

George Manley não perdeu a classe, não perdeu sua calma característica, quando respondeu:

— Fez bem, Vicky. É bom a gente recordar os que se foram para sempre. Honrar a memória dos mortos é uma boa virtude dos seres humanos. Eu também faço isso sempre.

Enquanto falava, apontava a tosca cruz de madeira:

— Meu pai está sepultado ali. Morreu nas mãos dos *iowas*, numa emboscada que lhe armaram quando voltava a Malwen City com um carregamento de peles. Carregamento esse em que havia investido toda a sua fortuna, todas as economias de anos e anos de labor ininterrupto. E sabe que mais? Perdeu tudo num só golpe. Alguém foi beneficiado com isso, no fim de tudo.

Vicky não pôde resistir desta vez ao fogo que ardia naquele olhar, como tampouco soube o que responder.

Com um breve gesto de mão, George afastou-se e Owen pegou o braço da moça, para continuarem sua marcha até o escritório do rapaz.

Deixaram o cemitério, penetrando por um terreno mais árido, onde as granjas e os ranchos apareciam muito distanciados uns dos outros.

Owen olhou-a de esguelha durante um bom pedaço de tempo, antes de falar, em tom seco:

— Vicky.

— Que foi, Charles?

— Qual seria a sua reação se de repente descobrisse que esse cão leproso do George tinha razão e nós vendêssemos mesmo as armas para os índios?

Vicky ficou séria, muito séria mesmo, de uma seriedade impressionante.

Por um momento, teve a sensação de que seu companheiro fazia aquela pergunta com dupla intenção. Esperando que ela respondesse "fico calada, não me importo, prefiro não me inimizar com George etc."

Isso levou-a a suspeitar qualquer coisa, por isso respondeu:

— Acho que nesse caso diria a verdade a George. A idéia dessas granjas destruídas e seus moradores assassinados pelos selvagens...

Owen riu forte, com enorme alegria:

— Alegra-me ouvir isso, Vicky. Confesso que me teria decepcionado se pensasse ao contrário. Gosto de mulheres íntegras, que sabem manter sempre seus princípios imutáveis, sem se deixarem levar por impressões.

Depois de uma breve pausa, continuou:

— Quero ser sincero, Vicky. Até agora temos manifestado boas relações com esses selvagens, e isso se deve ao fato de termos agido com eles honradamente. E, a propósito, foi por esse motivo que assassinaram o pai de George, pois o velho os enganava miseravelmente. Apesar de tudo, temo que nos ataquem algum dia. As armas de fogo os tornam valentões.

— Entendo, Charles.

— Outra coisa, Vicky. Qual é a sua intenção a respeito da parte do negócio que agora lhe pertence? Quero dizer: você pretende vender tudo e voltar à sua cidade natal?

— Vim disposta a morar aqui, Charles. Você pretendia ficar com a minha parte? Quereria comprá-la?

— Não exatamente, mas não gostaria de continuar na sociedade, isso no caso de você vender a sua parte. Com você, porém, é diferente. Agrada-me a idéia de tê-la sempre por perto.

O escritório ficava em plena montanha, no cruzamento do caminho. Lugar privilegiado para o tráfico de peles, na metade do caminho entre o prado, o bosque e a cidade.

Havia um grande barracão, repleto de fardos de peles, e era ali que as transações se realizavam.

Por trás havia outra cobertura, onde eram armazenadas as mercadorias trocadas pelas peles, já que os caçadores e os índios preferiam cobrar em espécie, a não ser que levassem um carregamento extraordinário, quando então admitiam uma parte em dinheiro.

Junto à edificação principal elevava-se uma cabana, onde residia o empregado que cuidava do negócio.

Charles o apresentou à moça.

Era um sujeito de cara patibular, um pistoleiro desconfiado de Deus e do mundo, de nome Tex, que os recebeu com estranha cordialidade, olhando a moça com inusitada persistência.

Quándo Charles se dispunha a mostrar a Vicky algumas peles, pressentiram a chegada de três cavaleiros.

A moça nunca tinha visto um guerreiro *iowa*, de modo que a entrada dos três índios no armazém lhe causou uma estranha impressão.

O que mais a impressionou foi o hermetismo de seus rostos, a crueldade natural que ardia em suas pupilas.

Charles os recebeu com mostras de afeto, inclusive pedindo a Tex:

— Prepare um café pra gente, Tex. E você,

Vicky, pode me deixar a sós com estes senhores? Eles não gostam muito de tratar de negócios na presença das mulheres.

Vicky concordou com um gesto de cabeça e foi para o lado de fora, sem acompanhar Tex até a cabana.

Repentinamente, sentiu-se assaltada por tremendas dúvidas, numa continuação às que lhe perturbaram durante a viagem do povoado até ali.

Teria o xerife razão quando havia dito aquelas coisas?

Aproximou-se da porta do segundo telheiro assim que Tex desapareceu no interior da cabana.

Verificou se ninguém a observava.

No armazém se amontoavam os sacos, as caixas e os fardos. Examinou tudo, nada encontrando de suspeito. Havia ali café, açúcar, toucinho e outros víveres. Nem sinal de armas de fogo.

Começou a convencer-se de que realmente o xerife era um despeitado. As palavras de Charles a esse respeito tiveram para ela mais força do que as de George.

Era natural que fosse assim, de um certo modo. Se Spencer se havia atravessado entre Magda e ele...

Não obstante, tudo a fazia suspeitar que Magda estava apaixonada pelo xerife.

Mergulhada em tais pensamentos, não se apercebeu da partida dos três índios.

Olhou brevemente para os fardos, convencida já de que Charles tinha razão, como tinha razão também Spencer, liquidado por George Manley, só Deus sabia por que motivos.

Charles entrou no armazém para buscá-la. Parou a poucos passos da porta, olhando-a detidamente, sem avisá-la de sua presença, do que ela nem se havia dado conta.

Pigarreou para lhe chamar a atenção e Vicky sobressaltou-se ligeiramente ao se sentir surpreendida, sorrindo meio sem graça.

Ao ver o embaraço da moça, Charles riu gostosamente.

Foi ao encontro dela e perguntou, zombeteiro:

— Tentava descobrir se é verdade o que lhe disse o xerife?

Ela tentou desculpar-se:

— Não, que é isso? Eu apenas...

— Não tem por que desculpar-se, Vicky. Eu teria feito o mesmo se estivesse no seu lugar.

Deixou transcorrer um breve intervalo antes de acrescentar:

— Apesar de tudo, George deixou você impressionada. É natural que desconfie. Aquele sujeito parece falar sempre com absoluta convicção. Você precisa ver claramente as coisas, antes de se convencer em definitivo a favor de um ou de outro.

Com um gesto, convidou-a:

— Vamos, Vicky. Examine tudo o que há por aqui, e no outro armazém, e tudo quanto formos trazendo com o tempo.

Vicky sentiu-se dominada por aquele tom de sinceridade e aproximou-se mais do rapaz, quase lhe tocando o rosto:

— Não, Charles. Isto se acabou. Tenho certeza de que a razão está com você. George é um sujeito sujo. Tenho até vergonha de ter suspeitado de você. Puxa, eu devia tê-lo conhecido desde o primeiro momento. Me perdoe, sim?

Charles apoiou ambas as mãos nos ombros da jovem e olhou-a fixamente, a ponto de perturbar-lhe os sentidos.

Foi-se inclinando lentamente até ela, sem que Vicky fizesse a menor objeção, e beijou-a suavemente nos lábios.

Vicky não correspondeu àquela carícia, embora não a evitasse.

— Sei que tudo isto é muito prcmaturo, Vicky — pronunciou o nome dela em tom cálido, suave, gostoso —, mas parece-me que a conheço durante toda a minha vida. Dizem que o amor começa sempre assim...

Vicky não respondeu. Retirou as mãos do rapaz e deu-lhe as costas, dizendo:

— Ainda bem que você reconhece ter andado muito depressa, Charles.

Atingiu a porta e ouviu a voz dele:

— Escute, Vicky, tenho que ir ao acampamento dos *iowas*, onde há um carregamento de peles que devo pesar. Se chegarmos a um acordo, Tex e eu iremos mais tarde fechar o negócio. Os índios não se atrevem a vir com esse carregamento, desde que as coisas se encresparam por aqui. Acho que não devo estar de volta antes das seis horas.

— E daí?

— Não me atrevo a levá-la comigo. Prefiro que fique aqui até eu voltar, em companhia de

Tex, não obstante não ser muito agradável a idéia de deixá-la por tantas horas com um sujeito taciturno como esse...

— Prefiro voltar a Malwen City.

— Você é que sabe. Pode utilizar o carro. Eu levo um dos cavalos. Tenha cuidado, Vicky.

— Terei. Pode deixar.

Charles partiu logo depois, seguindo o caminho que se internava nas montanhas.

Vicky tomou café e, em seguida, ajudada pelo texano, subiu à boléia do carro.

Tex ficou com o pé direito na roda, olhando-a com ternura, algo que parecia insólito num homem rude como o pistoleiro.

— Senhorita Vicky... — pronunciou, arrastando as palavras.

— Que é, Tex?

— Eu, no seu lugar, ficava aqui, esperando a volta do Charles.

— Por quê?

— Sei lá. O povoado fica longe e esses caminhos são sempre cheios de perigos. Tenho um pressentimento...

— Que é isso, Tex? Agradeço seu interesse; palavra de honra, até me emociona. Fique tranqüilo. Nada vai me acontecer.

Partiu em seguida, deixando a montanha para trás, percorrendo a zona árida anterior e depois aquela em que já se elevavam algumas granjas e ranchos disseminados na paisagem.

Uma espécie de terra de ninguém, situada entre os colonos brancos e os índios *iowas*, e que terminava lá do outro lado das montanhas.

Sobressaltou-se ao divisar, de súbito, quatro guerreiros a cavalo, parados em cima de um monte bem perto dali.

Não conseguiu ver bem os rostos deles, mas sentia seus olhares como que a lhe penetrar nas carnes.

Açulou o cavalo; então os quatro guerreiros esporearam os seus, tão selvagens quanto eles próprios, ao encontro do veículo, para interceptá-la pela esquerda.

A moça fustigou ainda mais o animal, depois procurou manter o equilíbrio, visto que o carro pulava perigosamente entre os inumeráveis buracos e obstáculos que semeavam o tosco caminho na terra dura.

Os índios usavam rifles de repetição, e aqueles rifles estavam apontados para ela.

Começaram a atirar. Viu nuvens de fumaça nas bocas dos canos, captou o silvo das balas em cima de sua cabeça; uma delas atravessou um lado do carro, fazendo aquele ruído peculiar de madeira partida.

Teve medo. Um medo invencível, ante aquela ameaça repentina.

A morte se aproximava, atirando-lhe no rosto o bafo pestilento. Chegava a sentir, aliás, a carícia nefasta de uma mão em sua nuca. Um contato imaginário, mas que lhe dava arrepios.

Fustigou desapiedadamente o cavalo, que relinchou de dor ante o inusitado castigo.

Ouviu de súbito um forte ruído, como se algo acabasse de se partir em fragalhos.

Não percebeu que fora o aro da roda dianteira, e isso a impediu de preparar-se para enfrentar o desastre.

A roda saiu do eixo e foi rolando, rolando. Depois fez um requebro e caiu no mato, à beira do caminho.

O carro se inclinou para aquele lado, com a madeira estalando, varal quebrado, o diabo. Vicky foi jogada fora do veículo, como impulsionada por um foguete; seu corpo chocou-se violentamente no chão duro. Depois, rolou alguns

metros e ficou imóvel, estatelada, atordoada pelo baque.

Sua mente podia coordenar as idéias com relativa lucidez, mas seus músculos pareciam negar-se aos comandos do cérebro.

O cavalo continuou sua alucinante carreira, arrastando os restos do carro, até para vários metros além, exausto.

Vicky gemeu ao vislumbrar os índios bem pertinho, lançando aos quatro ventos seus enlouquecidos gritos de júbilo, sempre se aproximando, sempre atirando, dispostos a liquidá-la.

Aquilo era o fim. Um fim violento, imprevisto.

Outra arma de fogo veio somar-se às empunhadas pelos índios, embora ela custasse a perceber essas novas detonações, à sua direita.

O guerreiro que encabeçava a marcha abriu os braços de repente, em seguida deslizou para trás, caindo numa posição muito engraçada.

Vicky olhou naquela direção, por onde avançava um cavaleiro ao encontro dos guerreiros, disparando seu *Colt* com fria serenidade.

Vicky reconheceu George Manley, o xerife de Malwen City.

Ela havia chegado a odiar aquele homem, sobretudo depois que examinara o armazém de peles, mas nunca a presença de um ser humano havia sido recebida com tanta alegria, pois a chegada do xerife, tão providencial, lhe trazia uma esperança de salvação.

Os cavaleiros índios continuaram avançando, mas dividindo agora seus tiros para tentar conter o inimigo que chegava.

George inclinou-se no lombo do seu animal para oferecer o menor alvo possível, depois apontou... e apertou o gatilho.

Um segundo índio tombou da sela, e isso foi suficiente para que os dois outros sobreviventes compreendessem a espécie de adversário que tinham de enfrentar.

Desviaram suas montarias para outro ponto, apearam e abriram fogo.

George saltou por sua vez do cavalo ao chegar no lugar onde Vicky estava estendida, olhando a dramática cena da luta.

Pegou-a nos braços e a levou para o outro lado da sebe, a fim de protegê-la melhor dos disparos dos *iowas*.

— Como está, Vicky?

— Sabe que eu nem sei? Tenho a impressão de que estou toda quebrada. Acho que não ficou um osso inteiro.

— Que é isso? Não exagere.

George conseguiu meter uma bala no ombro direito do *iowa* que estava mais perto dele.

Já não se tratava de eliminar uma indefesa mulher, mas de lutar contra um homem evidentemente disposto a liquidá-lo e cuja pontaria, não restava a menor dúvida, era perfeita.

Minutos depois deixavam de atirar. Em seguida, viram os índios chegar até os cavalos, arrastando-se pelo chão, para fugir rapidamente.

George atirou mais duas vezes antes de soprar a fumaça do seu *Colt* para em seguida guardá-lo. Inclinando-se sobre a moça, perguntou:

— Acha que pode seguir até o povoado?

— Penso que sim. A perna esquerda dói muito, logo acima do joelho. Creio que está partida. O resto é só arranhão.

George levantou-lhe a saia até deixar à mostra um bom pedaço de coxa e a rendinha da calça.

Vicky estava encabulada, enquanto ele engo-

lia em seco, sem poder se furtar ao fascínio daquela carne alva.

O xerife sacudiu a cabeça para afugentar aqueles pensamentos luxuriosos que o invadiam. Depois apalpou a perna, cuidadosamente, para constatar se estava fraturada. Felizmente se tratava de um hematoma e nada mais.

Comentou subitamente:

— É muito linda!

— Quem? — perguntou ela com ansiedade.

— Sua perna. Puxa vida! Você tem pernas maravilhosas!

Vicky corou até a raiz dos cabelos, como se costuma dizer. Sentiu-se ofendida com o elogio sarcástico do xerife. Talvez porque, no íntimo, estivesse empenhada em acreditar, ficticiamente, num ódio rancoroso contra aquele homem.

Baixou a saia de sopetão, cobrindo o panorama deslumbrante que se oferecia aos olhos do homem.

Balbuciou, zangada:

— Você é um... abusado... um... tarado... um...

— Um grosseirão... — concluiu ele com amplo sorriso. — Era isso que você ia dizer? Tarado, não, minha cara. Achar bonito o que é bonito não é característica de um tarado, mas de uma pessoa que sabe sentir, que sabe compreender a beleza. Muito bem, você não sofreu nenhuma fratura. Tanto melhor, senão teria que mostrar esse lindo monumento a alguém mais: o médico. Eu a levo até o povoado. Espere um momento, que vou recolocar a roda.

Saltou ao cavalo amarrado ainda ao carro avariado, atou suas rédeas na sela, e subiu atrás dela.

Enlaçou-a pela cintura com o braço esquerdo para ajudá-la a se manter erecta. A jovem teve uma estranha sensação ao se apoiar ao peito forte do homem e ver de soslaio suas feições, cada vez que levantava um pouco o olhar.

Sim, pensou: era uma pena que George Manley fosse seu inimigo, que fosse o assassino de seu irmão. Palavra que ela bem gostaria de tê-lo do seu lado, ao invés de estar do lado de lá, do lado contrário, porque seu coração balançava entre o solícito Charles Owen e o duro xerife de Malwen City.

Chegaram a casa e o jovem pegou-a com braços fortes e musculosos para a levar até a

sala, onde a depositou no divã com toda a delicadeza possível.

Depois foi à cozinha e voltou logo em seguida, com uma bacia de água e uma toalha.

Vicky não rejeitou o tratamento dos arranhões no rosto e nos ombros.

Quando terminou, George foi-se sentar na borda do divã, junto dela, dizendo:

— Existe aqui qualquer coisa que não me agrada... Talvez esteja enganado. Permita Deus que eu esteja enganado — disse, remoendo as últimas palavras.

— Do que está falando, George? — perguntou a moça, vendo que o xerife deixava incompleta a frase.

— Claro que não estou falando das suas pernas, Vicky — respondeu sorrindo.

— Por favor...

— Tem razão. Isto é muito sério.

— Que é que não está certo? Que foi que não lhe agradou? Confesso que estou curiosa.

— Olhe aqui, menina, você não entende nada destas coisas. Os *iowas* nunca se teriam atrevido a vir tão perto dos ranchos, como aconteceu

hoje com aqueles quatro guerreiros... a não ser que realizem um ataque em massa contra algum deles. Estou me perguntando até onde chega a cumplicidade de Charles Owen neste negócio. Chego a pensar que ele pretendia liquidar você, através dos *iowas*. Então, poderia ficar sozinho com o negócio. Rancho, terras, outros haveres. Owen é um sujeito terrivelmente ambicioso. Tão ambicioso que para ele os fins justificam os meios.

CAPÍTULO TERCEIRO

Suspeitas que se confirmam

O olhar de desprezo que Vicky lançou ao xerife foi qualquer coisa de surpreendente.

Com aquele olhar, a moça queria demonstrar-lhe não se impressionar nem um pouco, embora as palavras tivessem sido pronunciadas num tom persuasivo.

— Isso que acaba de dizer é uma estupidez que não tem tamanho, George. Você deve começar a conhecer melhor as pessoas. Charles é um perfeito cavalheiro.

Ele não se deu por achado. Aproveitou o fato da moça se haver levantado para se inclinar sobre ela, de modo a confundirem os hálitos.

— E você uma garota ingênua, Vicky — sussurrou. — Uma mulherzinha terrivelmente in-

gênua, o que a faz mais atraente ainda. Mais uma virtude a acrescentar às muitas que possui.

Isso dizendo, ia passando o braço pelas costas da jovem, atraindo-a para si.

A vontade de Vicky foi esbofeteá-lo, arrancar-se dali, mostrar-lhe seu desprezo, mas se conteve. Estava adorando sentir-se nos braços daquele homem varonil...

George inclinou-se mais e mais, beijou-a de modo apaixonado, violento. Um beijo que nem de longe se parecia com o de Charles. Um beijo sensual. Maravilhoso.

Assim mesmo, ela não correspondeu, embora se entregasse a ele por completo.

A porta foi aberta violentamente, rompendo o encanto daquele instante ideal, fazendo-os se separar de súbito.

No vão da entrada estava Magda, paralisada, contemplando aturdida a cena que se oferecia a seus olhos escandalizados.

— Entre, Magda — convidou o xerife levantando-se, sem perder o controle dos nervos. — Vicky vai lhe contar o que aconteceu. Cuide dela, direitinho, até que eu possa vir.

Saiu em seguida, fechando a porta.

Com olhar hipnótico, Magda avançou devagar até Vicky.

A moça sentiu que havia ódio naquelas pupilas. Ódio envenenado. Rancor incontido.

Magda murmurou:

— Você se apaixonou por George?

Vicky não gostou do tom da outra. Resolveu dizer que não tinha certeza ainda, que se debatia entre ele e Charles, mas decidiu-se a negar redondamente.

— Nada disso, Magda. Acha que eu posso amar um homem que acabou com a vida do meu próprio irmão?

Magda inclinou-se sobre ela, agarrou-lhe o pulso, torceu-o com força e berrou:

— Então, como teve coragem de beijar o assassino do seu irmão? Santo Deus, não compreendo! Você não tinha esse direito.

Ao dizer isto torceu mais a munheca de Vicky, que deu um gemido. Como se tivesse voltado a si, Magda recuou, soltando o punho da suposta rival.

Passou a mão na testa e disse, num murmúrio:

— Me perdoe, Vicky, não sei onde estava com a cabeça. Eu não queria lhe magoar, mas você não tem o direito de fazer isso com os outros. George é um sujeito duro, agressivo, não sabe perdoar. Acho que você deixou-se beijar por ele, só por vingança. Não foi? Você quer se vingar por ele ter matado seu irmão, e então vai deixá-lo caído, apaixonado, depois dá o fora nele e o deixa louco. Não é isso mesmo? Confesse! Apesar de tudo, ele não merece que o tratem desse modo.

— Não pretendo zombar de George — protestou Vicky debilmente. — Nunca tive essa intenção. Deixei-me levar pela correnteza. Eis tudo.

E depois de uma breve pausa:

— Nunca aconteceu com você, Magda, ficar indecisa entre dois homens?

A loura olhou-a com expressão compreensiva:

— Você tem razão. Vicky. Mas quando a pessoa se deixa levar pela corrente, sempre há um desejo no mais fundo do seu ser. Começo a compreender qual foi o seu desejo. Sabe? Nunca se deve zombar dos sentimentos masculinos. Podem se voltar mais tarde contra nós. Pense bem nas coisas antes de fazê-las. Depois, uma vez concluídas, já não temos remédio e os lamentos são inúteis. Então, a gente sofre de verdade. É

um bom conselho, Vicky. Um conselho ditado pela experiência. Os sentimentos de George são sempre violentíssimos. Ele é violento para amar e para odiar.

Ficaram em silêncio. Vicky queria saber mais coisas a respeito de George, a respeito de amor perdido e outras coisas, mas preferiu abster-se de fazer perguntas.

Ao anoitecer notaram uma desusada atividade no povoado.

Estranha agitação parecia sacudi-lo de um a outro extremo.

Perceberam vozes masculinas, bater de cascos de cavalos, ruídos secos.

Movidas pela curiosidade, saíram até a calçada. Havia um vozerio excitado.

Um homem armado atravessou na frente delas. Magda gritou:

— Barwer, que diabo está acontecendo?

Barwer parou um momento para responder, tenso:

— Os *iowas* estão atacando o rancho dos Bolen. Chegou um dos vaqueiros dele, muito ferido. Creio que a esta altura já devem ter morrido muitos outros. A situação parece desesperadora.

Minutos mais tarde, viram chegar o xerife a cavalo, levando outro animal pela rédea, já encilhado e pronto para marchar.

Parou junto às duas mulheres para dizer:

— Senhorita Vicky, peço-lhe que venha agora conosco. Não correrá perigo algum. Eu lhe prometo.

A testa da moça ficou franzida, ao falar:

— Para que necessita da minha presença, xerife?

— Por várias razões. Em primeiro lugar, para que nos ajude a socorrer os feridos.

— E a outra razão?

— Para que veja o que são esses ataques dos índios. Será uma boa lição. Algo que lhe impedirá de brincar com o fogo, quando descobrir a origem das chamas.

Ela captou o sarcasmo, mas se fez de desentendida, respondendo:

— Está bem. Eu vou, xerife.

— Obrigado, Vicky. É muito importante que veja isso.

Poucos segundos depois, apareceu na esquina próxima um numeroso grupo de cavaleiros armados até os dentes.

George lhes fez um sinal com a mão direita antes de galopar, imitado por Vicky, e tomar a direção da cabeça do grupo.

A moça não soube quanto tempo ficou em cima do cavalo, tentando não se afastar muito do xerife, que galopava como se ele e o animal fossem um único corpo.

Os sujeitos que os seguiam soltaram pragas ao divisar ao longe o resplendor de um incêndio.

Finalmente, alcançaram o fértil terreno onde se assentava o rancho dos Bolen.

Não precisaram lutar contra os malditos índios, porque eles já se tinham retirado, deixando atrás de si uma esteira enorme de desolação e de morte.

As poucas reses e os cavalos encerrados nos currais haviam sido roubados, ou mortos a tiros.

A casa e o telheiro ainda ardiam terrivelmente, por todos os lados, de maneira que era impossível fazer qualquer coisa para salvá-los da ação destruidora das chamas.

Por uma das janelas do rancho assomava um braço que terminava numa mão crispada pelo desespero de uma morte iminente.

Um pouco mais além, no mesmo vão da entrada, por cuja abertura assomavam línguas de

fogo, viram um cadáver mostrando o horror d: sua cabeça escalpelada.

Os homens foram desmontando lentamen , com as mãos crispadas em torno das armas e s olhares pousados na dantesca cena ali oferecic a.

Todos descobriram as cabeças, em homenagem aos seres que acabavam de pagar com seu sangue o tributo da conquista daqueles selvagens territórios.

Vicky sentiu uma mistura de horror, de impotência e de compaixão pelas vítimas daquele inútil ato de selvageria.

Repentinamente, pareceu-lhe ouvir um surdo gemido ali perto. Olhou na direção de onde vinha, nos fundos da vivenda principal, onde se havia levantado um telheiro para animais domésticos.

O reduzido telheiro fora destruído pela fúria dos *iowas* e as chamas começavam a devorar as tábuas ressequidas.

Viu mover-se algumas das tábuas que tinham formado o teto, caídas agora.

— Parece que há alguém ali — disse, excitada, dirigindo-se ao xerife. — Ouvi um gemido.

George e outros dois homens mais correram até o lugar indicado pela jovem, que se uniu a eles.

O calor era insuportável e a fumaça dificultava grandemente a respiração, o que não constituiu obstáculo para George Manley remover as tábuas.

Pouco depois retiravam dos restos do telheiro o corpo de uma menina, cuja cabeça estava muito ferida, jorrando bastante sangue.

Levaram-na do local do sinistro e Vicky se encarregou de tratá-la, rodada por todos os homens.

— É Betty Bolen — disse um dos rapazes. — A única filha do casal.

George ajudou-a a levantar-se e perguntou:

— Que houve, Betty?

A jovem olhou-o com expressão ausente, rememorando ainda os terríveis momentos que acabava de viver. Sabia que seus pais e os vaqueiros haviam sucumbido nas mãos dos indígenas, que estavam sendo carbonizados nos restos daquilo que havia sido o seu lar durante os últimos anos.

— Foi tudo tão de repente — disse com voz opaca. — Só me lembro de ter sido golpeada na cabeça. Creio que desmaiei. Não sei de nada mais...

George pensou que fora uma sorte para ela não ter sido vista pelos *iowas*, pois do contrário a teriam sacrificado como aos outros.

— Vou levá-la comigo — disse Vicky. — Seu ferimento não é tão grave assim. Só necessita de um curativo, cuidados especiais, que ninguém mais lhe pode dar...

Todos concordaram.

O médico que havia seguido com eles afirmou a veracidade do diagnóstico de Vicky.

Aquela criança estava ferida na alma e só uma sensibilidade feminina poderia curá-la.

O regresso foi lento, silencioso. Cada qual sumido em seus próprios pensamentos, absorto em suas reflexões.

Trincavam os dentes freqüentemente, cada vez que temiam encontrar-se com aqueles selvagens de rifles carregados.

Magda e Vicky deitaram a pequena Betty, depois se retiraram para descansar.

Vicky não pôde dormir, pensando em tudo quanto tinha visto, e mais ainda no que George havia tentado mostrar-lhe, levando-a até o rancho atacado.

Ao amanhecer, bateram à porta.

Era Charles, que fez um amistoso gesto para Vicky ao passar para a sala.

Betty Bolen já estava lá, tomando café, silenciosa, ensimesmada, olhando um ponto qualquer a distância. Encolhida ainda pelo terror vivido e pela tragédia que a tinha colhido em sua rede escura.

Charles, sentando-se junto a ela, pegou-lhe as mãos:

— Escute, Betty. Compreendo seu estado de alma e não pretendo fazê-la recordar algo que deve tentar esquecer. Você é muito criança ainda. Apenas começou a viver. Está com doze anos ou treze, não? Presumo que nem vai querer ficar aqui, num lugar onde tudo lhe faz lembrar a desgraça por que passou. Tem algum parente em Bommen?

— Tenho, senhor Owen.

— Bom, creio que o melhor é você ir morar com eles. Vai ver. O rancho não vale mais nada. A casa foi destruída e a terra, embora seja boa, ninguém vai querer comprá-la depois do que aconteceu. Essa gente é cheia de supersticões.

A garota concordou com a cabeça.

— Ótimo. Eu só quero favorecê-la, garota. Dou-lhe mil dólares em troca dessa maldita pro-

priedade. É dinheiro suficiente para você chegar até seus parentes e viver um bom tempo ainda sem trabalhar.

A garota voltou a concordar, com gesto submisso.

Então, Charles pôs diante dela um documento e, oferecendo-lhe uma caneta, disse:

— Este documento é o bastante. Tudo está em ordem. Basta você assinar e logo em seguida eu lhe entrego o dinheiro.

A menina obedeceu.

Owen guardou o documento, entregou o dinheiro à menina e se despediu.

Vicky o acompanhou até a porta:

— Charles, não gostei nada disso.

— O que foi que você não gostou, minha adorada?

— O que você acaba de fazer com esta desgraçada criança. Deu-me a sensação de estar na presença de um abutre em cima da carniça. Este rancho vale trinta vezes mais do que você pagou por ele.

— Talvez tenha razão, querida. Mas acontece que ninguém vai querer comprá-lo, agora. E

Betty não pode perder tempo esperando que isto adquira mais valor. De forma que eu acabo de lhe prestar um benefício.

— Não creio, Charles, não creio. Isto é horrível. Eu estive lá. Na verdade, é um crime jogar os índios contra os pobres proprietários dos ranchos, tirar partido disso... Juro que, vendo você aproveitar-se desta situação, estou acreditando em George. Ele afirma que você provoca os índios para possuir um verdadeiro império em troca de nada. Quase nada de dinheiro, mas muito sangue e muita destruição.

Charles não perdeu a fleuma. Não se deu por ofendido com as palavras da moça.

Levantou o braço e acariciou lentamente as faces de Vicky.

— Minha Vickyzinha. Você está muito enganada a meu respeito. Deve refletir antes de falar, e nunca se deixar levar pelas primeiras impressões. É isso que você está fazendo agora. Fala como pessoa ainda debaixo da forte emoção que sentiu. Isso a impulsiona a dizer o que lhe vem à boca.

— Pode ser, Charles, mas, também, foi uma coisa horrível. Esta manhã fui atacada por quatro índios quando regressava ao povoado.

Charles ficou sério, de uma seriedade impressionante.

— Que foi que você disse, Vicky?

Ela explicou o que havia acontecido, até a providencial chegada do xerife que percorria aquelas paragens.

Charles mordeu os lábios, depois disse com ênfase:

— Vou falar com o filho da mãe daquele cacique. Nunca tolerarei que se faça mal a você. Prefiro mil vezes me aliar a George Manley, unir-me a ele contra os índios, do que permitir que você seja molestada por esses miseráveis, ainda que me custasse tudo na vida.

Vicky sentiu uma incontida emoção perante o tom patético empregado pelo rapaz.

Apoiou as mãos no ombro dele e disse:

— Me perdoe, Charles. Penso que às vezes só sei dizer bobagens.

Ficou parada à porta até Charles desaparecer.

Dois dias mais tarde, depois de tudo ter voltado à normalidade, Magda e Vicky foram levar Betty até a estação, onde tomaria a diligência

para Bommen juntamente com um casal que viajava até aquele povoado do noroeste de Kansas.

Antes do veículo partir, o xerife chegou com uma caixa de bombons para dar à garota.

Vicky murmurou de si para si: "Às vezes parece um ser humano, esse George." E, sem querer, repetiu a frase a meia voz, menos que isso, num murmúrio praticamente inaudível.

Surpreendeu-se ao ouvi-lo dizer:

— Sou um ser humano, Vicky. Sempre. A qualquer momento. Mas não convém misturar humanidade com debilidade. Ainda que você duvide, eu sou humano.

Ouviram a chegada de um cavaleiro a todo galope pela rua.

Era Tex, o pistoleiro texano a serviço de Charles Owen.

— Senhorita Vicky, preciso falar-lhe em particular. Acabo de saber uma coisa e não quero que ignore.

— Fale, Tex. O xerife é de confiança.

— Não. Só falo para a senhorita. É segredo.

Vicky fez um gesto e se afastou em companhia de Tex.

No momento exato em que o texano ia falar, apareceu um sujeito vestido como um *cow-boy* e atirou em Tex, à queima-roupa, fazendo-o cair no chão, em convulsões espasmódicas, sob o olhar surpreso de Vicky, fugindo na mesma pisada em sua montaria.

Reposto da surpresa, George sacou o *Colt* com a velocidade de um consumado pistoleiro e disparou contra o fugitivo, que galopava rua abaixo.

Ele alcançou a esquina antes que as balas pudessem significar um sério perigo.

George correu até o cavalo encilhado, que se encontrava preso a um poste ali em frente, e empreendeu a perseguição ao assassino.

Nesse ínterim, Vicky ajoelhou-se perto de Tex, que agonizava no meio de um charco de sangue.

— Que aconteceu, Tex? Veja se consegue falar, vamos! Coragem! Precisa viver, Tex. Faça uma força.

Tex tentou sorrir para ela e, a muito custo, conseguiu dizer palavras entrecortadas como estas:

— Sabe, Vicky? Você... me recorda uma antiga... noiva... que eu tive... seu rosto, seu jeito, a única mulher que amei... em toda a minha vida... por isso quero ajudá-la...

— Vamos, veja se consegue dizer algo que elucide este crime.

— Há um perigo... sobre sua cabeça, Vicky. Um grande perigo... pode prendê-la em suas garras... de um momento para... outro. Eu soube agora mesmo... Tenha cuidado.

— De que lado pode vir esse perigo, Tex? Por Deus, Tex, me diga!

O pistoleiro, no entanto, não pôde responder imediatamente, porque a morte começava a apoderar-se dele. Uma das balas lhe havia perfurado o pulmão e ele agonizava.

Abriu os lábios para balbuciar:

— George Manley...

Não pôde prosseguir por causa da tosse seca, seguida de forte hemoptise.

Expirou.

Vicky levantou-se lentamente, no momento em que alguns homens se inclinavam sobre o cadáver de Tex para levá-lo a um dos estábulos, onde seria deixado até a hora do sepultamento.

Ela ficou pensativa, meditando nas últimas palavras do taciturno texano.

Ele a tinha avisado de um perigo, iminente, pelo visto. Isso lhe havia acarretado a morte, pobre Tex.

Havia falado por último em George Manley. Teria querido dizer que o perigo vinha daquele lado?

Mas... que espécie de perigo?

George poderia ter sabido o que Tex ia-lhe contar e teria mandado aquele homem acabar com o pistoleiro aposentado?

Cortou o fio de seus pensamentos ao perceber o estrondo de tiros à saída do povoado.

O mais certo é que George tivesse ido ao encalço do fugitivo e, em lugar de deixá-lo escapar, para que ninguém pudesse delatá-lo... o mataria. Fecharia para sempre a boca do assassino, para que o segredo fosse para a sepultura.

Apertou os lábios e franziu a testa ao se deparar com o xerife, que acabava de aparecer na esquina, trazendo um cavalo pela brida e, sobre o animal, camisa manchada de sangue, atravessado, o corpo de um indivíduo. O fugitivo.

Confirmavam-se as suas suspeitas.

CAPÍTULO QUARTO

Cara ou coroa?

Como um autômato, Vicky seguiu os passos do xerife, que se dirigiu ao consultório médico, onde desceu precipitadamente.

Tomou o homem nos braços e entrou no consultório, onde o deitaram numa maca.

O médico pediu que o deixassem a sós com o ferido.

Vicky falou a George:

— Está satisfeito, agora?

— Satisfeito? Por que estaria satisfeito? A gente nunca fica contente quando precisa atirar em alguém.

O doutor saiu pouco depois, olhou o xerife e sacudiu a cabeça num gesto negativo.

— Não há mais nada a fazer, George. Ele tem os minutos contados. Já voltou a si.

O xerife apressou-se a chegar junto ao catre do moribundo, que ofegava muito.

Conhecia aquele sujeito. Já o havia prendido várias vezes. Um sujeito capaz de atirar no próprio pai, desde que lhe dessem dinheiro. Muito? Nada disso. Qualquer quantia. Um assassino a soldo.

Vicky avançou também para ficar junto a George, que falou ao moribundo:

— Você vai morrer, Benny. Sabe disso. No último momento de sua vida, seja um homem decente. Neste momento não deve mentir.

— Esqueça... seus sermões, xerife.

— Quem o contratou para assassinar o pobre Tex? Por que o quiseram afastar de Vicky?

O moribundo fez um gesto ambíguo.

— Faça suas averiguações, xerife. Sabe? Se eu soubesse que estava tão... tão perto daquele doido... não tinha aceitado.

— Para onde você ia, Benny?

— Me ofereceram um bom dinheiro e um bom lugar, ao sul das montanhas. Você nunca me encontraria.

George ergueu-se, meditando nas palavras de Benny, e não percebeu o estranho sorriso dos lábios do assassino, sobrepondo-se ao seu sofrimento. Um sorriso de íntima satisfação, como se finalmente considerasse que podia morrer tranqüilo, sabendo que sua morte ia ser vingada pela violência.

Expirou pouco depois, com terríveis estertores.

George fechou-lhe os olhos, cobrindo-o com um lençol e saiu à rua, sempre seguido por Vicky, uma Vicky confusa, desorientada.

A moça se perguntava quem teria desejado a morte de Tex e quais os motivos, porque agora estava evidente; a ordem não podia ter partido de George Manley.

O xerife examinou as correias da sela de montar antes de subir ao cavalo. Ao sentir o contato das mãos de Vicky, ele se voltou.

— Aonde você vai, George?

— Ao sul das montanhas, onde Benny disse que ficaria escondido. Pode ser uma pista falsa, mas pode ter dito a verdade. Talvez encontre algo interessante, e isso a gente só pode saber explorando o terreno.

Tornou a montar, mas novamente a mão de Vicky tocou-o.

— George.

— O que é, Vicky?

— Como soube que meu irmão Spencer conduzia uma carreta com mercadorias? Diga-me o que lhe fez revistá-la.

— Houve uma denúncia. Alguém me comunicou que Spencer levava um carregamento de armas e munições para os *iowas*.

— Mas... quem? Quem foi o autor da denúncia?

— Bom, não tem nenhum segredo. Foi Benny, esse homem que acaba de morrer. As autoridades ofereceram uma recompensa a quem possa dar uma boa pista acerca desses desalmados. Benny parecia disposto a ganhá-la, mas desapareceu do povoado antes que se pudesse acusá-lo de ter proporcionado uma pista falsa. Não tornei a vê-lo até agora, como você também o viu.

Em tom quase desesperado, Vicky disse:

— Não entendo nada, absolutamente nada deste assunto.

— Pois está claro como a luz do dia, querida Vicky. Basta só que você deixe cair as vendas que cobrem seus lindos olhos.

George picou as esporas, deixando a moça com a sua surpresa.

Foi rumo às montanhas, onde chegou duas horas mais tarde. Ali, a cordilheira era mais abrupta do que na parte em que se achava o escritório de Charles Owen. As rampas eram mais empinadas, os barrancos mais numerosos e os caminhos serpenteavam, tortuosos, entre verdadeiros abismos.

George seguiu por um dos atalhos, até alcançar o cume do primeiro monte.

Continuou pelas anfractuosidades das montanhas, examinando com muita atenção as paragens que ia atravessando.

De repente ouviu o grito de uma ave, muito bem imitado, porém não tão perfeito que desse para iludir um ouvido experiente como o dele.

O grito de um índio. E uma senha. Um aviso para outros guerreiros *iowas*, que deviam permanecer alertas.

Ficou imóvel, ouvido atento. Em seguida escutou um som idêntico, desta vez às suas costas. Logo outro, em direção diferente, e vários outros mais.

Contou os gritos e se orientou por eles.

Estava cercado. Cercado por oito guerreiros *iowas*, que iam usar suas artimanhas astutas para liquidá-lo.

Compreendeu: Benny o havia conduzido decididamente a uma armadilha mortal. Uma arapuca da qual dificilmente escaparia vivo, porque os índios poucas vezes chegavam a essa parte da região. Agora estavam esperando por ele.

Se Benny tivesse podido sair ileso do povoado, faria o possível para não ser seguido até ali. Ao morrer, tinha feito o último esforço para vingar-se por meio daqueles selvagens que o cercavam.

George apeou calmamente, sem perder o mínimo de serenidade.

Em cima do cavalo oferecia um alvo magnífico para um atirador, mas a pé tinha a oportunidade de caminhar, ocultando-se entre os numerosos obstáculos que o terreno lhe oferecia. Desníveis, saliências, matagais, rochas, arbustos...

Empunhoù o rifle. Deslizou silenciosamente, como um réptil, por entre os obstáculos naturais.

Parou duas vezes para escutar.

Os gritos das falsas aves não voltaram a soar, mas ele percebeu outros vários ruídos, que identificou perfeitamente.

Pôs o ioelho em terra e esperou com paciência, o rifle prestes a disparar.

Segundos depois apareceu o corpo de um índio estendido no chão, deslocando-se lentamente sobre cotovelos e joelhos, em linha reta até o lugar onde o animal era visível.

George apertou o gatilho sem vacilar.

A bala perfurou o peito do *iowa*, fazendo-o rolar duas vezes, com a violência do impacto.

Irrompeu um coro de uivos infra-humanos, depois crepitaram algumas armas de fogo, partindo de diversos pontos.

Os índios perdiam a calma diante do acontecido. Começavam a sentir a angústia do caçador caçado.

George continuou seu avanço silencioso alguns metros mais.

De repente viu emergir três selvagens dentre os matagais, como se tivessem brotado da terra. Depois correram para o lugar onde presumiam encontrá-lo, uivando selvagemente, disparando as armas sem trégua.

O xerife de Malwen City apontou com toda a tranqüilidade.

O índio mais próximo foi atingido, despencou para a frente, e caiu sobre um arbusto. O seguinte acusou o impacto no peito, detendo bruscamente sua enlouquecida carreira. Soltou o rifle

para apertar o peito perfurado com ambas as mãos, antes de cair sacudido por violentas convulsões.

O terceiro se apressou a esconder a cabeça no matagal espesso.

George tornou a acionar a alavanca com aterradora tranqüilidade, apertou o gatilho, depois recuou lentamente, para terminar trepando num rochedo pontiagudo.

Havia eliminado três inimigos, de forma que suas possibilidades eram agora melhores. Restavam ainda cinco, o suficiente para que o perigo continuasse.

Esperou calmamente.

Percebeu que os índios iam-se reagrupando, avançando com precauções infinitas para se lançar em tromba, no momento determinado.

Preparou-se para o que desse e viesse.

Os *iowas* ocuparam boas posições em frente à dele, e de repente reiniciaram um ataque decidido.

Contra-atacou, mas os alvos corriam, saltavam de improviso, deslizavam e tornavam a ocultar-se com a mesma agilidade.

Sentiu um leve ruído às suas costas, como se fosse um roçar. Voltou-se no momento exato

em que um dos *iowas*, magnificamente situado, arrojava seu machado de guerra.

Fez uma pirueta, suficiente para evitar que a terrível arma lhe decepasse a cabeça; mas o impacto foi no ombro. A afiada lâmina produziu um corte profundo, por onde o sangue começou a escorrer.

O contato do sangue em sua pele o fez encolerizar-se. Apertou o gatilho, antes que o agressor tivesse tempo de se esconder.

O balaço atirou-o sobre uma pedra, que ficou toda manchada de vermelho.

Os restantes se lançaram ao assalto a peito descoberto, convictos da vitória final, ansiando cada um ser o primeiro a chegar e poder possuir o cobiçado troféu de cabeleira de um inimigo tão ousado quanto aquele, mas acontecia que George não lhes dava trégua. Disparou, ferindo levemente o ombro de um dos guerreiros.

E em seguida, antes que pudesse novamente recarregar a arma, dois outros estavam bem em cima dele. Então, George descarregou uma coronhada no crânio do primeiro *iowa* que descia da rocha onde estivera trepado minutos antes. Com um ruído característico, o índio caiu para trás, tendo recebido uma segunda coronhada, que o fez virar-se de costas, depois de frente, tentando respirar.

Com isso os demais guerreiros optaram por tornar a esconder-se e idear outro plano que lhe permitisse abater o tão perigoso inimigo.

George, no entanto, abandonou aquela vantajosa posição e deu um amplo volteio para chegar até sua montaria. Antes de alcançá-la, meteu um lenço entre a ferida e a camisa, para deter a hemorragia. Montou agilmente, depois de ter-se certificado não haver *iowas* por perto. Eles não se haviam apercebido de sua fuga e isso lhe permitiria fugir finalmente à emboscada. Esporeou o animal sem dó nem piedade.

Foi então que os sobreviventes gritaram, disparando novamente, mas já era tarde.

Assim, desceu ele com dificuldade a ladeira, quase caindo por várias vezes. O cavalo, parecendo entender o drama de seu dono, trabalhou bem e puderam chegar depressa ao sopé da montanha, sem maiores novidades.

Os *iowas* se limitaram a atirar lá de cima, mais para descarregar sua raiva do que propriamente para atingir o alvo, que iá sabiam perdido.

O xerife chegou depois do meio-dia ao povoado. indo diretamente ao consultório do médico. Viu Vicky que estava em pé na calçada, perto da casa, como se esperasse por ele. vindo-lhe ao encontro quando já o doutor fazia o curativo em seu ombro.

Quando viu a camisa toda manchada de sangue, ela perguntou angustiada:

— Que aconteceu, xerife?

— Era uma armadilha. Benny jogou bem suas últimas cartas, embora não tenha conseguido seus propósitos.

— Eu bem que tive essa intuição, por isso fiquei aqui, esperando.

Retirou-se em seguida, descendo a calçada, e George a acompanhou com a vista. Viu quando parou, absorta, confusa, como se estivesse presa de um choque emocional.

Era isso mesmo o que estava acontecendo. A mente de Vicky trabalhava esforçadamente, tentando encontrar uma saída para o impasse em que se havia metido.

Precisava dar tempo ao tempo, como se costuma dizer.

Naquele momento aparecia na rua uma carreta conduzida por um granjeiro conhecido, que vinha acompanhado da esposa e dos filhos pequenos, levando também os móveis e utensílios.

O xerife foi ao encontro deles, pressentindo qualquer coisa errada naquela mudança.

O homem, de meia-idade, freou a carroça ao vê-lo, dizendo:

— Ia mesmo procurar o senhor.

Atraídos pela eterna curiosidade, muitos sujeitos se aproximaram para ouvir a conversa:

— Que aconteceu, Feldon?

— Encontrei o cadáver de um *iowa* em minhas terras, xerife. O coitado estava todo crivado de balas... pelas costas.

— Deixou-o lá mesmo?

— Acha que eu ia deixar o cadáver? Homessa! Está na carreta. Quero que veja.

George subiu à carreta e descobriu o corpo, tapado por um lençol, num canto. Era realmente um guerreiro *iowa*.

— Como foi isso, Feldon?

— Como é que eu vou saber, xerife? Só sei dizer que eu não fui. Para mim é uma surpresa tanto quanto para o senhor.

O homem era sincero. Estava apavorado. Alguém havia liquidado o índio e deixado nos terrenos de Feldon, para provocar a fúria dos companheiros contra o proprietário.

— Decidi abandonar a granja. Tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde vão nos atacar. Prefiro perder tudo a ter que viver sob tensão.

Os selvagens querem ver sangue e talvez ataquem para desafogar sua cólera.

— Penso também do mesmo modo, mas talvez eles não queiram apenas incendiar o seu rancho, Feldon. Os de seus vizinhos também.

— É melhor ficar sem a casa do que perder a vida — disse um outro presente.

— E a casa de Charles Owen? — perguntou um terceiro.

Os lábios de George esboçaram um sorriso de sarcasmo. Em seguida, exclamou:

— Acho que devemos avisar os outros rancheiros. Quem se oferece para fazer isso?

Vários homens se adiantaram e então o xerife falou:

— Muito bem, pessoal. Podem distribuir-se, de forma que todos fiquem cientes dos acontecimentos dentro do mais breve espaço de tempo. Digam que estejam preparados para um possível ataque, a qualquer momento. Vou colocar um serviço de vigilância. Quero que venha cada representante de rancho a uma reunião que vou realizar.

— Avisamos também Charles Owen?

— Não se preocupem com essa raposa. Sabe cuidar-se sozinho.

Vicky sentiu algo sublevar-se dentro de si, ante aquelas palavras do xerife.

Era inegável que George, por uma razão pessoal, procurava eliminar Charles, e aquela seria uma ótima ocasião para tal, sem se arriscar em troca, já que o caminho fora aberto antes.

Sentiu um impulso irresistível de ir ao escritório e avisar Charles, para que tivesse ao menos a oportunidade de fugir à armadilha mortal preparada para ele.

Não se fez de rogada. Correu ao estábulo, pediu ao encarregado que lhe atrelasse os cavalos ao carro e partiu.

Quando chegou, a porta do armazém estava aberta. Entrou, chamando pelo nome do rapaz:

— Charles, Charles!

Ele estava no outro armazém, repassando umas notas, as quais confrontava com as pilhas de caixas embaladas, que Vicky não vira antes ali. Caixas que deviam ter chegado na noite anterior.

Ao vê-la entrar, o rapaz cumprimentou:

— Como vai, Vicky? Estou verificando estas caixas, mas não me demoro. Vou já atendê-la. Você veio com Tex? Disse que ia ao povoado

procurá-la. Parece que tinha qualquer coisa importante a lhe contar...

Essas palavras foram pronunciadas com um sorriso cínico, detalhe que não passou despercebido aos olhos da moça, a qual respondeu, de chofre:

— Tex está morto. Foi assassinado em Malwen City, faz algumas horas.

— Assassinado? Deixe de dizer besteira, menina. Como foi isso? Tex, morto?

Vicky explicou-lhe minuciosamente a ocorrência, desde a chegada de Tex até as últimas disposições do xerife para enfrentar o atacante, sem esquecer o que havia dito George a respeito de Charles, que levantou os braços, baixando-o em seguida, com evidente estupor.

— Não entendo patavina. Absolutamente nada.

— Nem eu, Charles. Mas tudo está claro. Os *iowas* podem atacar de um momento pro outro. Você deve abandonar isto antes que seja tarde, até que as águas se acalmem. Os índios estão furiosos.

— Certo, Vicky. Os índios estão furiosos e não se deterão, embora tenhamos trabalhado juntos em tantas ocasiões. Só distinguem entre

brancos e os homens de sua raça. Bem — acrescentou — vou pegar dinheiro. Sinto perder todas as peles e estas provisões, mas é melhor isso do que perder a vida. Espere um momento, estou pronto num segundo.

Correu para dentro do primeiro armazém. Vicky olhou as pilhas de caixas novas e apalpou-as, assaltada de súbita suspeita.

Todas elas tinham apenas letras pintadas, indicando o local do destino.

Pelo tamanho, bem podiam conter armas e munições.

Sacudiu a cabeça para afugentar esses pensamentos. Não. Não podia acreditar naquilo. Tinha que lutar contra essa suspeita incrível; tinha de se convencer de que George era um mentiroso, um patife da pior espécie.

Ressentido pela morte de seu pai, pela negativa de Spencer e Charles a admiti-lo na sociedade, e também pelo desprezo de Magda em favor de seu meio-irmão...

Charles voltou portando uma enorme carteira de couro, cheia de cédulas, que guardou no bolso do casaco.

Aproximou-se dela lentamente, ferroando-a com o olhar.

Enlaçou-a e aproximou o rosto ao dela, murmurando:

— Vicky...

— Sim...

— Sabe? Você é uma mulher encantadora. Já lhe disse isso antes. Eu a amo, Vicky, desesperadamente, muito mais agora, depois do que você fez por mim. Quero lhe propor uma coisa...

— Fale.

— Vamos nos casar, agora mesmo. Regressamos imediatamente ao povoado, eu falo com o juiz. Só ficamos sabendo eu, você e Magda.

Vicky hesitou. Ficou pensativa por um longo tempo.

Havia ocasiões em que ela pensava naquele casamento, mas agora? Agora não estava muito disposta a dar semelhante passo. Uma forte hesitação a tolhia. Pensou de repente em George, tão simpático, tão viril, tão bonito homem. Mas pensou também em Spencer. Spencer gostaria, Spencer ficaria zangado, lá do lugar onde estivesse?

Se os mortos vêem, e há quem acredite nessa possibilidade, Spencer não podia estar de acordo com a idéia dela se unir ao seu matador...

Ah! como é desesperante a gente ter que se decidir de um momento para o outro!

Afinal, casamento não é brincadeira. Casamento é muito sério. Quando uma pessoa se casa é para viver unida para sempre à outra, "até que a morte os separe". Fora sempre assim que encarara o casamento. Amaria Charles? Amaria George?

E assim, entre a cruz e a espada, como diz o ditado, a moça se debatia, indecisa.

George era um inimigo. Havia também o caso de Tex, suas últimas palavras a respeito de um perigo... iminente. Charles seria um socorro.

Que fazer, então?

Ia deixar o barco correr à deriva. Talvez fizesse um certo joguinho que ela conhecia: cara ou coroa?

CAPÍTULO QUINTO

Nada mais que uma vítima

Charles fez um gesto de profundo desalento. Afrouxou a pressão dos dedos no braço da moça, que começava a murmurar:

— Sabe, Charles. Não estou muito segura de meus sentimentos...

Um sorriso amargo se esboçou nos lábios do patife contrabandista, que respondeu com voz dorida:

— George Manley pesa tanto quanto eu na balança do seu coração, e isso não me surpreende, porque esse cara é de fato atraente para as mulheres. Só sinto uma coisa...

— Que coisa?

— Que em virtude do casamento dele com você, caso isso chegue a acontecer, Manley passe a ser automaticamente meu sócio. Não lamento só por mim, mas pelo seu irmão. Isso deve ser uma bofetada para ele, para a sua memória. Lá onde quer que ele se encontre, céu ou inferno, purgatório, sei lá, Spencer vai se morder todo de raiva.

Vicky pesou aquelas palavras, ditas com tanta ênfase, próprias para surtir efeito. Frases ferinas e, no pensar dela, verídicas.

— É verdade, Charles. Você tem razão. Caso com você.

O homem beijou-a com violência, dizendo, contente:

— Assim é que se fala, boneca. Você não vai se arrepender. Se você não me ama ainda, brevemente estará gostando de mim, pois serei o marido mais carinhoso do mundo. Sei que você vai acabar alucinadamente apaixonada por seu maridinho.

A jovem concordou com um gesto.

Ele a levou até o carro e percorreram a bom trote a distância que os separava de Malwen City.

Magda estava em casa quando chegaram.

— Explique a ela, enquanto eu vou buscar o juiz.

— Explicar o quê, Vicky?

— Vamos nos casar, Charles e eu. Agorinha mesmo.

— Você refletiu bem, menina? O casamento é um passo muito sério.

— Prefiro não ficar refletindo nada. Não amo Charles, mas acredito piamente que possa vir a amá-lo, dependendo do comportamento dele comigo.

— Não sei não. Contudo, há algo muito importante que eu gostaria que ficasse esclarecido. Você está simplesmente querendo se vingar... de George?

Vicky ficou zangada, como uma criança surpreendida em falta.

Assumiu um ar de soberba, um falso orgulho pessoal, um amor-próprio mal interpretado:

— Isso é assunto meu, Magda. Em que pode lhe interessar?

Sem se importar com o arroubo da companheira, Magda respondeu sem perda de tempo:

— Em absoluto. Não me interessa nada. Apenas, aprendi a gostar de você e posso lhe dizer

algo sobre o assunto, por exemplo, qualquer coisa referente a George e seu irmão Spencer... e a mim, é claro. Pode ser que ajude a solucionar o seu caso.

Vicky olhou-a de frente, com crescente interesse e curiosidade.

Sempre tivera certeza de que havia alguma coisa de anormal nos sentimentos de Magda. Precisava conhecer a verdade.

— Fale, Magda. Sou toda ouvidos.

— Eu me apaixonei por George Manley quase no primeiro momento em que o conheci. Amor à primeira vista, posso dizer. Amei-o como nunca tinha amado antes, e como nunca mais tornarei a amar. Ele me queria bem. Teríamos alcançado, juntos, a felicidade, se Spencer não se metesse em nosso caminho, não porque me amasse demasiado, mas porque considerava George o seu pior inimigo. Queria vingar-se dele, mas onde os golpes não são visíveis. Queria feri-lo em sua dignidade, entende? Devo confessar que também apreciava seu irmão como homem. Não fosse ele tão amoroso, eu nunca teria deixado George de lado.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Spencer me ofereceu coisas que eu não poderia ter com George. O ponto fraco das mu-

lheres: dinheiro, jóias, comodidade. Então me decidi por ele, e foi o meu erro. Um erro que sempre hei de lamentar. Para o resto da vida. É como um espinho que ninguém conseguirá arrancar da minha alma.

Vicky compreendeu o que Magda queria dizer. Aquilo lhe doeu pelo próprio Spencer, e também pela mulher.

Convenceu-se, então, cada vez mais, de que George não havia disparado em legítima defesa, senão de propósito, para ficar com Magda. George o teria matado de qualquer modo.

Magda tinha razão em dizer que o xerife era violento em todos os seus sentimentos. Para amar e para odiar.

Trocou de roupa e, logo depois, viu chegarem Charles e o juiz de paz. O noivo trazia um lindo ramalhete de rosas cor de chá.

A cerimônia foi realizada, não como Vicky havia sonhado, porque ela queria casar-se na igreja, com os tradicionais véu e grinalda, marcha nupcial e outras coisas... O casamento religioso ficava para depois. Ela queria era ferir George, que se havia apaixonado por ela. Iria até as últimas conseqüências, contanto que o xerife ficasse a se roer por dentro.

O juiz declarou o eterno:

"Eu os declaro marido e mulher."

Beijaram-se, com certa frieza por parte da noiva.

Quando o juiz saiu, Charles abriu uma garrafa de champanha, mas nem assim o gelo foi rompido.

— Ouça um momento, Vicky. Se quiser, pode pensar que tenho espírito excessivamente comercial, mas não é nada disso. Simplesmente, quero prevenir nosso futuro.

— Como, Charles?

— Muito facilmente, queridinha.

Tirou uns documentos, deixando-os em cima da mesa.

— Olhe, Vicky. Convém assinar estes documentos, cedendo um ao outro nossa parte no negócio, em caso de morte. Assim tudo será de um, se ao outro acontecer uma desgraça. É a melhor forma de evitar complicações de última hora.

— Mas... nem bem nos casamos e você já está pensando que um de nós pode morrer...

Vicky assinou e Charles guardou os papéis, erguendo-se depois, enquanto seu rosto adquiria impressionante seriedade ao olhar para Magda.

— Caia fora, Magda. Caia fc a e nunca mais torne a pôr os pés nesta casa!

A loura nem se alterou. Levantou-se devagar e foi saindo, mas Vicky se interpôs:

— Charles, quer me dizer o que é isso? Por que despacha Magda assim, sem mais nem menos?

— Tenho as minhas razões, Vicky. Razões que não devem ser discutidas. Sei muito bem o que faço. Esta casa agora é minha também, tenho pleno direito de fazer o que entender, e aqui só entra quem eu decidir.

— Isso não responde à minha pergunta, Charles.

— Bem, você não conhece essa sujeita. É uma víbora peçonhenta, e não a quero por perto.

Vicky ia protestar, mas foi contida por Magda, que lhe impôs silêncio.

— Não diga nada, Vicky. É melhor assim, na verdade eu não tenho nada a fazer aqui. Além disso, vocês se casaram e é natural que queiram ficar sós. Com a morte de Spencer, tudo terminou para mim.

Abriu a porta para sair, no momento exato em que chegava George Manley.

— Alô, xerife! — cumprimentou Charles com ironia. — Chega bem a tempo de receber a grata notícia e poder brindar conosco pelo feliz acontecimento.

— Acontecimento? Encontrou ouro nas terras?

— Coisa muito melhor, xerife. Vicky e eu acabamos de nos casar.

George recebeu o golpe com incrível sangue-frio e nem um só músculo de seu rosto acusou qualquer reação. No tom mais natural, disse:

— Meus parabéns! Desejo feliçidade para ambos!

Vicky havia sonhado com aquele momento, com o gesto de raiva do xerife, e ficou decepcionada ao ver que ele não se alterava.

George aceitou o champanha. Enquanto falava, saboreava a bebida:

— Presumo que sabe como andam as coisas com os *iowas*, Charles.

— Conheço seus propósitos, George. Concentrar todos os homens para lançá-los ao ataque contra os índios.

— Exato. Acabamos de chegar a um acordo. Tudo está preparado.

— E daí?

— Você está proibido de abandonar Malwen City, Charles. Tem de ficar aqui.

— Mas... — balbuciou o recém-casado empalidecendo.

— Não há mas nem meio mas. Ouça bem. Se você for inocente, acredite que faço tudo pela sua segurança. Se não for, é para evitar que os *iowas* conheçam nossos planos por você. Só isso.

Charles ia protestar, mas se conteve ao perceber que só poderia aumentar a zombaria do antagonista.

George colocou dois homens na fachada da casa e afastou-se.

A jovem o animou:

— Não se preocupe, Charles. A gente pode passar a lua-de-mel aqui mesmo. É tão sossegado...

— Claro. Mas eu contava poder contratar um grupo de homens e poder retirar do armazém as melhores peles. Agora não posso.

— Isso pode presumir um grande perigo, Charles.

— Qual nada. Conheço esses selvagens. Não atacarão antes da noite, se é que o farão. Se a gente pudesse ir agora...

Calou-se, para mais tarde continuar:

— Escute, Vicky. Magda costuma guardar sempre algum narcótico em suas coisas. Deve estar por aí, talvez possamos fazer alguma coisa.

Não tardou muito e encontraram o vidrinho, que imediatamente Charles esvaziou no champanha:

— Ei, rapazes, minha esposa e eu os convidamos a brindar pelo nosso casamento. Acho que não precisam contar a ninguém que lhes oferecemos bebida.

Depois de se entreolharem, os dois guardas aceitaram o champanha. Está visto que eles não compartilhavam das suspeitas do xerife.

Beberam não apenas uma, mas várias taças de champanha.

O sono os foi vencendo, gradativamente.

Quando resolveram deixar a casa, eram quase cinco e meia. O sol começava a se esconder por trás das montanhas.

Afastaram-se pelos lugares menos povoados até encontrar-se longe do casario. Chegaram ao armazém quando já estava quase escuro.

Vicky ficou sobressaltada ao divisar, subitamente, dois *iowas* perto deles, dois índios cujas

coifas guerreiras, de penas, os denunciavam como caciques de sua tribo.

Estavam junto ao portão do primeiro armazém e estendiam a mão direita em sinal de paz.

— Tranqüilize-se, querida. Estes são amigos.

Apearam e Charles disse aos guerreiros:

— Tudo preparado, podem levar. Tenho algo importante para lhes dizer.

Um dos caciques recuou dois passos, dizendo qualquer coisa em tom gutural.

Em resposta, quatro carretas apareceram no caminho, conduzidas por numeroso grupo de cavaleiros *iowas*, em forma de escolta.

Charles os levou até o segundo armazém, mostrando-lhes as pilhas de caixas novas.

Conversou prolongadamente com os caciques.

Sumida num mar de confusos pensamentos, Vicky ficou perto da entrada, vendo-os carregar as caixas. De repente, uma delas caiu e abriu-se, deixando à mostra o seu carregamento.

Rifles de repetição, brilhantes, novinhos em folha, e mais: munições em abundância.

A verdade apareceu, transparente. A terrível verdade.

George Manley poderia estar desenvolvendo um jogo sujo por causa do seu frustrado amor por Magda, mas Charles entregava as armas aos índios.

Não havia mais dúvida quanto a isso.

Manteve-se imóvel, coordenando as idéias, mas sentindo uma fraqueza enorme nas pernas.

Santo Deus, o que seria aquilo? Por que suas pernas se recusavam a obedecer-lhe?

Vicky estava desapontada, arrasada. E agora? Havia acabado de se unir a um canalha. Por que não havia descoberto aquilo antes? Porque se havia precipitado, simplesmente para causar raiva a George. E, afinal, ele nem se dera por achado.

No íntimo, Vicky sentia que o xerife ficara desapontado, embora fingisse o contrário. Homem digno, aquele. Incapaz de se deixar cair...

— Armas para os *iowas* — dizia ela, olhar perdido num ponto qualquer do horizonte, por onde os índios haviam desaparecido.

Charles estava junto dela.

— Armas para os *iowas*, hem? É você quem as fornece aos índios, para que possam derramar o sangue dos inocentes. É horrível, nunca pensei que você, que Spencer...

Charles deu uma gargalhada:

— Naturalmente, Vicky. Posso lhe garantir que é um esplêndido negócio, em todos os sentidos. Cobro uma boa corretagem por essas armas e, à custa do resultado que se obtém com o seu emprego, posso me transformar em pouco tempo no rancheiro mais poderoso de todo o Kansas. Um plano ambicioso.

Calou-se subitamente ao perceber um ruído às suas costas. Voltou-se, já levando a mão ao *Colt*, mas ouviu a voz de Magda:

— Quietinho, Charles. Um só gesto suspeito e eu atiro em você. Ouça, raposa velha, eu sabia que você ia fazer isso com Vicky, uma de suas vítimas. Percebi ao ver o documento que você a fez assinar. Conheço-o demasiadamente para não compreender suas artimanhas. Ela não entende nada, mas eu entendo. Vi o que você fez com os guardas de George, e também seu negócio safado com os índios. Vamos regressar a Malwen City. George vai ficar contente quando os vir chegando. Venha também, Vicky.

Aproximou-se dele para arrebatar-lhe o revólver.

Apenas acabava de tirá-lo e deixá-lo cair ao chão, quando Charles girou sobre os calcanhares como um relâmpago, golpeando a moça com toda

a força. Magda soltou a arma e deu um grito de dor. Depois, quando pretendia inclinar-se para agarrá-la o pé de Charles esmagou-lhe a mão.

Em seguida, agarrou a cabeleira loura da jovem, obrigando-a a levantar-se.

Deu-lhe mais dois empurrões, impelindo-a para trás e fazendo-a esbarrar na parede de troncos, o que a impediu de se estatelar no solo.

Com lentos movimentos, como se estivesse atuando em câmara lenta, Charles ergueu seu *Colt* e armou o gatilho.

— Não atire, Charles, pelo amor de Deus! — gritou Vicky.

Pum!! Pum!! Pum!!

Três vezes o *Colt* detonou.

A loura estremeceu a cada impacto.

Quando caiu, Vicky começou a gritar, de medo e repugnância ao mesmo tempo.

Charles obrigou-a a calar-se, aplicando-lhe sonora bofetada.

Depois, torceu-lhe a mão esquerda para que a dor vencesse o que ele chamava de histerismo.

— Assassino!

Outra vez Charles bateu nela.

— Não se trata apenas de armas, Vickyzinha querida. Há algo mais. Algo que desejo que você saiba logo, antes de morrer. Agora posso lhe dizer, pois tenho um documento assinado, no qual me declara dono de sua parte na sociedade, em caso de morte.

— Era só isso que você queria, não, Charles?

— Exatamente, bonequinha. Apenas isso. Mas será melhor que eu lhe explique direitinho desde o começo.

Vicky deixou-se cair, abatida, recordando as palavras de Magda.

Ela também havia cometido um enorme erro, ao se casar com Charles.

Casamento por despeito. Por um estranho rancor que ela se esforçava por aumentar.

Nunca poderia consertar o erro, caso viesse a livrar-se do carrasco do marido.

George era violento tanto no amor como no ódio.

Ele havia amado Magda e, no entanto, esse amor se transformara em desprezo.

Nunca mais a quereria, nunca mais voltaria para ela, de modo que tinha perdido tudo naquela jogada, a pior de toda a sua vida.

— A idéia de fornecer armas aos *iowas* e excitá-los contra os donos de ranchos foi coisa de seu irmão Spencer. Era um sujeito corajoso, peitudo, astucioso. Os *iowas* nunca teriam atacado os brancos só pelo fato de possuírem armas de fogo, como nós. Limitar-se-iam a caçar com elas e a defender-se. Entretanto, Spencer se decidiu a excitá-los. Assim começou o negócio de assassinar ocultamente um guerreiro *iowa*. Depois, bastava deixar o corpo nos terrenos de algum rancheiro e denunciar o fato aos índios. A vingança era inevitável. Nós nos aproveitávamos da sangria para ficar com os terrenos por pouco mais que nada.

A repugnância de Vicky era absoluta, não só para com o marido como para com o irmão.

Ele fora um sujeito sem escrúpulos, mas era preciso ter uma mente demoníaca para chegar aquele ponto.

— Bem — continuou Charles —, um dia resolvi ficar com tudo para mim sozinho. Não queria mais dividir com pessoa alguma. A primeira coisa a fazer era acabar com o perigo que o pai de George representava para nós. Ele tratava demasiado com os índios e podia, facilmente, descobrir nosso jogo. Por isso preparamos tudo para que ele acabasse nas mãos dos selvagens.

Riu, satisfeito com os resultados obtidos com o diabólico plano idealizado por Spencer e completado por ele.

Um plano que havia envolvido em suas malhas o próprio inventor do mesmo.

— Não acredito que Spencer tenha tido a idéia.

— Acredite ou não, foi ele. Não sou tão inteligente, minha cara. Para mim tanto faz que você pense assim ou assado. Veia. Reflita. Como eu lhe disse que George queria se associar a nós, convém que agora saiba da verdade. Ele sempre desconfiou de tudo, desde o começo. É sagaz, tanto quanto é duro, porém não tinha provas para nos acusar.

— Eu imagino. George é durão, mas leal aos seus princípios. Pena que eu tenha compreendido tarde demais.

— Realmente, queridinha. Com você aconteceu o mesmo que com a pobre da Magda. Ela também só percebeu quando já era tarde.

— George ocupou então o cargo de xerife?

— Sim. Pensando combater-nos legalmente, para investigar e descobrir nosso jogo.

— Que se passou com Spencer?

— Foi muito engraçado. Eu próprio lhe preparei tudo. Mandei Benny comunicar ao xerife que Spencer chegava com uma carreta cheia de contrabando de armas para os índios, pelo caminho da montanha. Spencer só trazia provisões. Mas eu sabia que resistiria à intimação do xerife. Estavam de birra, por causa de Magda. E tudo aconteceu exatamente como eu esperava. Assim, me aproveitei da sua morte, sem que a lei pudesse me acusar de nada.

— Meu Deus!

— O próprio Spencer quase liquidou George nessa ocasião.

Calou-se para olhar fixamente a esposa "querida", com um olhar brilhante de sarcasmo, um olhar com que pretendia recrear-se, vendo o horror nas formosas pupilas da jovem.

Horror que para ele era um magnífico troféu.

— Quer dizer que... o atentado por mim sofrido por parte dos *iowas*... a morte de Tex...

As gargalhadas de Charles ecoaram nas paredes do armazém.

— Querida! Tudo fazia parte de um mesmo plano. Um plano que sofreu certa modificação, mas está chegando às últimas conseqüências.

Esta noite tudo será consumado. Isto desaparecerá. Já posso ser dono da maior parte das terras que se estendem pelo povoado. Depois ninguém poderá acusar-me. Me apontarão, está certo, mas faltam provas, porque os mortos não falam. E só Magda e você estão a par de tudo.

Vicky sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo da cabeça aos pés.

Charles não estava zombando. Ia matá-la mesmo.

Restavam-lhe poucos minutos de vida, e depois aquele monstro seria personagem influente, edificaria o seu sonhado império, justamente como lhe havia dito George. Império que seria fundado sobre montões de cadáveres, sangue e membros retorcidos nas chamas da morte e da violência.

CAPÍTULO SEXTO

Violência no amor e no ódio

Charles empurrou Vicky até uma coluna formada por grosso tronco meio debastado, que agüentava as vigas do teto.

Amarrou-a fortemente ao tronco, em pé, de costas para ele.

Ao terminar, o criminoso apoiou-se fortemente à coluna e foi inútil que Vicky tentasse evitar seu rosto com um gesto de repugnância.

Charles beijou-lhe a boca, gargalhando depois, dizendo com a boca cheia de saliva:

— Sinto muito, bonequinha. Palavra de honra, que eu sinto profundamente. Se você fosse outra espécie de mulher, podia viver bem a meu lado. Mas seria uma loucura. Logo me denun-

ciaria, e nunca poderia me amar. Não obstante, é minha mulher legítima, e tenho que matá-la com minhas próprias mãos. Um ato de sentimentalismo.

— Miserável! Assassino! Maldito!

— Pode insultar, boneca. Xingue, insulte, afinal eu mereço mesmo. Pode dizer o que quiser, porque breve essa boquinha linda vai servir de pasto para os vermes. E olhe, que nesta terra há cada minhocão! Quá-quá-quá!...

— Canalha!

— Isso! Canalha ou não, a verdade é que ganhei a questão, minha encantadora cara-metade.

— Você não vai conseguir o que pretende.

— Deixe de tolice, boneca. Está aí, amarradinha, esperando a hora, e ainda me vem com esta de "não vai conseguir". Quando foi que Charles Owen não conseguiu o que deseja? Responda. Quando? Pode insultar. Eu mereço. Sempre quis acabar com você, pena que os *iowas* tenham falhado com aquela intervenção de George, esse outro imbecil. Então, projetei outra coisa, que afinal foi melhor. Pensei bem, sem pressa, pois, se eu matasse você antes do casamento, George dava um jeito de entrar na socie-

dade, quero dizer, dava um jeito de pôr a lei na parte que lhe competia. Então decidi que nos casaríamos.

Calou-se e tornou a beijar a mulher, que nada podia fazer para evitá-lo. Continuou:

— Então me lembrei de Tex. Esse imbecil tomou conhecimento das minhas intenções. Foi informado por uma *iowa* e, quando pretendeu lhe contar tudo, resolvi empregar o Benny, o mesmo sujeito que usei para o caso de seu irmão. Foi ele quem levou ao xerife a notícia falsa. Para que não fosse molestado, mandei que Benny se escondesse nas montanhas. George é um osso duro de roer.

Separou-se de Vicky, encaminhando-se até a porta. Ao chegar ao lugar onde estava Magda, deu um pontapé no corpo da cantora, acrescentando:

— No fundo, George não odiava Spencer. Creio que Spencer é que não gostava dele. George devia mostrar-se agradecido a ele, pois foi quem lhe ensinou a conhecer as mulheres, e você completou essa experiência do nosso querido xerife.

Chegou até a porta, voltou-se olhando a moça, pendurou o lampião de querosene num prego da parede e disse:

— Tudo está arrumadinho, Vicky. Os *iowas* não devem demorar. Já salvei as peles mais valiosas e, quando voltar, tudo já terá terminado. Vou esperar na cabana do Monte do Diabo. Os índios incendiarão os armazéns e assim todos pensarão que eles se voltaram contra mim. Tudo foi arranjado com eles. Você desaparecerá nas cinzas e ninguém vai se preocupar com isso. Mas fará com que George concentre todos seus esforços neste ponto. Então, o grosso das forças dos *iowas* se lançará por outro lado, sobre vários ranchos e granjas, onde só encontrarão mulheres e crianças. Vai ser muito divertido. Talvez, inclusive, se decidam a dar uma passada pelo povoado, que também estará indefeso.

Riu da sua própria graça.

— Charles...

— Deseja alguma coisa, querida esposa? — respondeu com mordaz ironia.

— Tex me preveniu de que eu corria sério perigo. Perguntei a ele de onde vinha esse perigo, mas não pôde me responder imediatamente. Depois mencionou o nome de George e morreu sem acrescentar mais nada. Pensei que o perigo vinha, de certo modo, do xerife. Foi por isso que aceitei você por marido.

— Querida! Mas o que Tex lhe quis dizer,

ao nomear George, é que você devia acreditar nele, quá-quá-quá... Adeuzinho, amor da minha vida! Você é a melhor esposa do mundo, acaba de deixar a melhor casa do povoado para o seu idolatrado maridinho.

Saiu sem se preocupar em fechar a porta. Não valia a pena. Os homens do povoado e os rancheiros estavam muito ocupados, lá embaixo, preparando-se para a defesa. Nenhum deles ia sentir a tentação de aproximar-se do armazém. Prefeririam ficar agrupados, animando-se uns aos outros.

Montou no cavalo e, depois de açular o animal, seguiu o caminho que levava às montanhas.

Charles havia cimentado sua fortuna, consolidado sua riqueza. Mas a idéia de continuar com um simples "negócio" não o seduzia muito. Aspirava a possuir um rancho bem grande, o rancho maior, mais importante de Kansas. E já havia colocado os tijolos para isso.

Vicky ficou sozinha com seus pensamentos amargos.

Ao inclinar-se por Charles, havia-se enganado a si mesma e já não existia possibilidade alguma de corrigir seu erro. Mesmo que escapasse com vida dali, porque George Manley era duro como uma rocha, sujeito dos que nunca perdoam.

Sofreu um ligeiro sobressalto ao ver que o corpo de Magda se movia algumas polegadas.

Olhou-a fixamente, e percebeu um tênue gemido. Depois, os braços da cantora deslizaram outras polegadas mais. Chamou-a:

— Magda, Magda!

A loura pareceu ter consciência da situação em que se encontrava. Gemeu novamente, agonizante, mas naquele momento de lucidez compreendeu tudo de repente inclusive sua impotência para poder chegar até Vicky e livrá-la das ligaduras que a imobilizavam. As balas haviam destruído seus órgãos vitais e seus músculos se negavam a obedecer as ordens do cérebro.

Num desses movimentos, tocou o revólver que Charles havia jogado ao chão. Com mão insegura, trêmula, agarrou-o, conseguiu estender através do vão da porta seu braço armado, ergueu o *Colt* e apertou o gatilho, uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes...

Depois, deixou o braço cair pesadamente, expirando um minuto mais tarde.

Suas detonações, entretanto, foram ouvidas numa das granjas mais próximas por um dos homens que estavam permanentemente de atalaia. Avisou o patrão:

— Ouvi seis disparos. Aposto que foi no armazém de Charles Owen. Talvez os *iowas* estejam atacando. Só me invoca é que os tiros foram feitos a espaços.

— É possível. Vamos, rapaz. Monte seu cavalo e vá avisar o xerife.

O vaqueiro obrigou o cavalo a galopar a toda a pressa, até alcançar o povoado.

George estava na delegacia, esperando qualquer sinal para iniciar a marcha com os numerosos homens que aguardavam suas ordens.

— Parece que estão atacando o armazém, xerife. Aliás, pareceu-me uma forma diferente de tiros, como se fosse um sinal, sei lá, uma coisa esquisita mesmo.

A fronte de George ficou enrugada momentaneamente.

— É estranho que alguém esteja atirando lá — comentou —, pois esse Charles...

Calou-se, deixando a frase em suspenso, para mergulhar em seus pensamentos, até que a suspeita cresceu em sua mente.

Levantou-se, dizendo ao vaqueiro:

— Venha comigo.

Silenciosamente, caminharam pela calçada deserta e foram até a casa de Vicky.

Entraram. Os dois homens olharam os guardas destacados pelo xerife para vigiarem a casa. Estavam estendidos em posições estapafúrdias, dormindo a sono solto, roncando.

— Raios, os dois estão embriagados.

George olhou os rostos dos homens e viu um pouco de espuma nas comissuras de seus lábios.

— Não estão embriagados, mas narcotizados. E agora, Charles e Vicky... Meu Deus!

Encaminhou-se para a saída, dizendo ao vaqueiro:

— Volte à sua granja. Tudo está bem. Vou ao armazém de Charles investigar o que aconteceu.

Galopou pelo caminho de terra batida que levava às montanhas, em direção ao armazém de Charles Owen.

Freou, olhando as enormes chamas que começavam a se elevar. Só um incêndio de grandes proporções poderia produzir semelhante fogaréu.

Crisparam-se-lhe as mãos nas rédeas, e seguiu em frente.

Voltou a deter-se meia milha além, aguçando os ouvidos.

Não havia dúvida. Um grupo de cavaleiros descia as montanhas, em direção a Malwen City. Podia jurar que eram cavalos sem ferraduras. O ruído peculiar produzido por cascos de cavalos sem ferrar. E só os índios não ferravam seus animais.

Apartou-se do caminho, escondendo-se atrás de um rochedo. Acariciou o flanco do cavalo, para tranquilizá-lo e evitar que relinchasse na presença dos outros animais.

Esperou.

Os guerreiros *iowas* atravessaram frente a ele, no maior silêncio. Eram uns dez homens, um número muito reduzido para atrever-se a iniciar um forte ataque contra alguma granja ou rancho da região.

A cabeça do xerife funcionou freneticamente.

Que diabo quereriam os *iowas?* Que espécie de ardil iam empregar em sua correria noturna?

Decidiu ir em frente, atraído pelo fogo que consumia o armazém, como se aquilo exercesse um fascínio hipnótico sobre ele.

Tinha certeza de que Charles havia ido ali acompanhado de Vicky e, apesar da desilusão

sofrida, da crueldade com que a moça o tratara, sua sorte o inquietava enormemente, lacerava-lhe as entranhas e lhe causava um terrível mal-estar.

Teve um pressentimento, um daqueles pressentimentos que sempre lhe eram positivos.

Alcançou, finalmente, os barracões. O primeiro era uma fogueira viva, cujas ondulantes chamas se elevavam para o alto, lançando uma enorme cortina de fumaça negra.

O teto havia caído, bem como algumas das paredes de troncos. As outras não tardariam a ruir. A cabana que havia sido a vivenda de Tex também estava destruída.

Os troncos ressequidos eram ótimo alimento para as chamas.

O segundo armazém estava menos castigado. Os *iowas* haviam atirado algumas tochas sobre o telhado de caniços, mas isso devia ter sido a última coisa que fizeram.

Fez um exame rápido. Nada se podia ter salvado. E sua presença era necessária no povoado.

O cavalo estava inquieto, nervoso, indócil. E ao cabriolar e colocar-se entre ambas as construções, o aguçado olhar de George Manlev vislumbrou o braço de Magda, que aparecia no

vão da porta, empunhando ainda o revólver que havia disparado para o ar.

Desceu e correu depressa, suportando com estoicismo o forte calor que imperava ali. Reconheceu-a, e deixou escapar um suspiro de alívio.

Seu amor por Magda não havia chegado a ser um amor cem por cento. Talvez fosse uma nuvem passageira, uma simples ilusão, que morrera em flor pelo súbito desengano.

Vicky, no entanto, era diferente. Ele a amava de verdade. O desengano não era bastante para apagar o fogo que ardia em seu peito.

Arrastou o corpo da defunta para livrá-la das chamas.

Enquanto agia, percebeu uma voz que chegava até ele, amortecida pela distância e pelo crepitar das chamas.

Era uma voz de mulher, uma voz que ele reconheceria entre milhares.

A voz de Vicky Hart.

Pulando as barreiras das chamas, George entrou impetuosamente no armazém, atravessando de um lado ao outro. O calor era insuportável e a fumaça fazia a atmosfera quase irrespirável.

Ela estava amarrada num poste. Correu e gritou:

— Vicky!

Ao mesmo tempo ia cortando as amarras. A jovem levantou a cabeça, reconheceu-o e suas formosas pupilas refletiram um imenso júbilo. Qualquer coisa muito superior a qualquer outra alegria, se fosse libertada por outro homem.

George tomou-a nos braços, enquanto as vigas do teto estalavam.

Foi preciso recuar para não serem atingidos pelo madeirame.

Vicky apertou-se mais contra ele.

— Você não devia ter entrado. É perigoso. Me deixe morrer, George. Você não pode me salvar, eu não mereço...

O homem a fez calar com um gesto imperioso. Depois, caminhou para a saída, dando uma volta para evitar as chamas que brotavam das vigas.

Atravessaram a barreira do fogo.

Deitou a moça no chão e tentou apagar as chamas que se prendiam às roupas de ambos.

Ajudou Vicky a levantar-se. Nesse instante houve um surdo ruído. A parede principal viera a baixo.

Vicky se sacudiu num espasmo ao perceber que tudo estaria terminado para ela, não fosse a providencial aparição de George.

Abraçou-o instintivamente.

— É horrível, George... Pela segunda vez você me salva a vida.

— E você chama isso de horrível? É maravilhoso, Vicky. A gente salvar vidas humanas é maravilhoso!

Afastou-se dela e Vicky observou-lhe as pupilas endurecidas, inexpressivas. Não havia ódio nem amor, nelas.

Só frieza, frieza.

Abaixou a cabeça e pouco depois levantou-a para murmurar:

— Perdoe, George, se alguma vez você o conseguir... Todos nos equivocamos na vida. É a lei dos homens.

— Perdoar o quê, Vicky? Nada tenho a lhe perdoar. Cada qual é livre de escolher seu próprio destino.

As palavras brotavam de seus lábios com a secura de chicotadas. Chicotadas que repercutiam na mente de Vicky, comovendo-a.

Sim. Era certo o que Magda lhe dizia. Aquele homem era violento tanto no amor como no ódio. E agora, depois de um novo desengano, devia odiá-la ferozmente.

— Onde está Charles? Como aconteceu isto? Me refiro a Magda e você.

Ela contou tudo, com infinitos detalhes.

George trincou os dentes e pareceu transformar-se em dinamismo puro.

— Precisamos agir depressa. Do contrário, tudo estará perdido. Charles pagará pelos seus crimes, mas não quero que isto custe a vida de muitos seres inocentes. Devemos regressar imediatamente.

Ajudou-a a montar, montou atrás dela e açulou o animal.

Não lhe podia exigir demasiado, assim com uma carga dupla.

Estava nervoso. Não queria deixar Vicky exposta a sérios perigos.

Lá embaixo começaram os tiros. Os *iowas* estavam preparando a armadilha e já iam iniciar a ação.

Dentro de alguns momentos estaria dado o alarme em toda a comarca, então todos os ho-

mens acorreriam àquele ponto para combater e deixariam desguarnecido o resto: suas próprias casas e ranchos. Era isso que eles queriam, aqueles malditos selvagens.

E o povoado? Se não chegassem a tempo de impedir isso, a matança seria horrível. Homens, mulheres e crianças seriam sacrificados.

Chegaram perto da granja atacada pelos guerreiros *iowas*, que pareciam multiplicar-se para dar a sensação de que o ataque era produzido por numerosa força.

Tinham vindo em seus mustangues.

George pegou um deles e gritou à jovem:

— Galope até a granja. Eu darei o aviso.

Disparou no ar quando ela esporeou o cavalo. Depois arremeteu, gritando aos defensores da granja:

— Estamos cobertos.

A surpresa paralisou momentaneamente os *iowas* atacantes e isso facilitou o plano do xerife, permitindo-o chegar sem novidade até a parte posterior da casa.

Seus defensores se apressaram a facilitar-lhe a entrada.

— Deram o alarma?

— Claro. Assim que esses malditos começaram o ataque.

— Precisam consertar as coisas. São apenas uns dez *iowas*. O grosso da turma está lá embaixo, esperando que os nossos homens venham para cá a fim de assaltar os ranchos indefesos.

O granjeiro deixou escapar um assobio significativo.

— Já devem estar a caminho. É preciso arriscar-se a sair e cortar-lhes o passo. Mas agora esses coiotes estão de sobreaviso e vão lutar como feras para impedir que alguém abandone as granjas.

— Não importa. Eu vou. Preciso correr o risco.

— George, nós somos suficientes para conter esses selvagens.

— Mesmo assim, mandarei ajuda. Precisamos de gente por todos os lados.

Houve uma troca de olhares, pois as palavras do xerife encerravam um grande otimismo e já ninguém acreditava em nada.

— Centralizem o fogo sobre este ponto — disse ele. — Boa sorte!

Saltou sobre o cavalo e o esporeou sem piedade. Depois deslizou pelo costado do animal, de forma que seu corpo tornou-se invisível por um dos lados. Sustentando-se com a mão esquerda e as pernas, podia empunhar com a direita o *Colt*.

Brotaram os primeiros fogaréus perto dele.

George guiou-se por eles para disparar também, com aquela sua endiabrada pontaria.

Viu um *iowa* levantar-se de forma estranha, como impelido por mola de aço, fazer uma pirueta e cair de costas, ferido mortalmente.

As balas assobiavam perigosamente perto, mas era uma sorte que os selvagens não tivessem muito tempo para lidar com as armas de fogo. Produziam mais ruído que resultados práticos.

Ergueu-se na sela ao considerar que o perigo ficara atrás.

De repente viu surgir de um matagal um enorme índio, que lhe apontava um rifle.

Inclinou-se rapidamente sobre o dorso do animal, quase no mesmo instante em que fazia fogo.

Uma bala passou junto da orelha do cavalo, depois o índio deixou cair a arma e se atirou

em cima do xerife, tentando agarrá-lo pelos cabelos. O xerife provou sua categoria.

Com um violento safanão, empurrou o índio, que foi despedido para longe.

Os homens que vigiavam a granja, testemunhas mudas de sua vitória, começaram a gritar.

George os olhou, mas não lhes deu a menor importância, pois ainda restava muito por fazer. Por exemplo, chegar a tempo de conter o avanço dos homens e poder levá-los ao lugar onde iria se produzir o principal ataque dos índios.

Se não conseguisse isto, aquele pequeno êxito quase poderia considerar-se um fracasso.

George lutava desesperadamente, agora não apenas para salvar as vidas de seus semelhantes, mas, sobretudo, por causa da mulher amada.

Seu pensamento não era outro senão lutar por ela. Salvá-la das garras daquele maldito marido de última hora.

Não quisera, entretanto, dar o braço a torcer.

Nesta altura, Vicky estava cada vez mais desesperada, imaginando: George é violento, tanto no amor como no ódio.

CAPÍTULO SÉTIMO

As palavras não ditas

George percebeu um tropel de cavalos. Eram cavalos ferrados.

Os habitantes de Malwen City e um grande número de rancheiros haviam-se reunido num ponto determinado para acudir em auxílio da granja atacada.

Pararam no meio do caminho que seguiam.

— Que aconteceu, xerife? Foi o armazém de Charles?

Não perdeu tempo em explicações. Tinha muita coisa a realizar.

Portanto, limitou-se a fazer um resumo dos acontecimentos.

Deu ordens:

— Tenessee, você e cinco homens mais vão até a granja atacada. Os índios são poucos, vocês dão conta deles. Quando acabarem, dirijam-se ao povoado. Temos serviço.

Um sujeito de idade madura, o prefeito da cidade, voltou-se e ordenou:

— Regressem imediatamente ao povoado com dez ou doze homens, distribuam-se pelos telhados. Podem fazer uma sangria nesses selvagens, se eles atacarem por ali. Os restantes devem seguir-me. O mais certo é que os *iowas* se decidam pelos ranchos de Penny e Mc Cotten. São os mais distantes.

— *Okay*. Vamos!

Os homens dividiram-se em grupos, acompanhados por George, e todos obrigaram seus cavalos a dar o máximo de rendimento.

A ansiedade apoderou-se de todos ao ouvirem algumas detonações nos pontos em que se achavam encravados os ranchos mencionados pelo xerife.

Tudo indicava que as mulheres também tentavam lutar até o fim.

Intensificou-se a galopada. Finalmente, chegaram a um ponto que lhes permitiu vislumbrar o que acontecia.

Soavam disparos nas janelas altas da casa-grande do rancho de Mc Cotten, mas os índios estavam-se colando ao andar de baixo e começavam a tocar fogo nos silos e nos telheiros.

George gritou novas ordens e, em resposta, os homens se estenderam numa longa linha e abriram fogo, formando uma autêntica barragem de chumbo.

Irrompeu o alarma entre os selvagens, que se afastaram velozmente da casa.

O fogo era de parte a parte. Abriram-se vários claros entre os atacantes, depois uns quantos guerreiros permaneceram diante dos que chegavam, em posições protegidas, dispostos a atirar. Os restantes voltaram aos seus mustangues, partindo em direção ao sudoeste.

George adivinhou os planos deles. Aquele grupo que ficava ia dar-lhe muito trabalho. Uma guerra de morte, uma guerra sem quartel. Os restantes, entretanto, tentariam entrar no povoado desguarnecido, semeando a destruição e a morte.

Gritou ordens secas, em tom peremptório, taxativo, ordens que foram obedecidas com estranheza por seus acompanhantes, pois consideravam quase um ato de covardia cortar em seco seu avanço contra os *iowas* que ficavam.

Os homens tinham que se abaixar para evitar as balas que choviam sobre suas cabeças.

— Que pensa fazer agora, xerife?

— Muito simples, amigo. Poucos homens bastam para fazer recuar esses coiotes e libertar as mulheres que estão em casa. Os demais, vamos nos dividir em grupos. Um segue atrás dos *iowas*, que vão entrar no povoado pela parte sul. Nós iremos pelo norte. Espero ter a sorte de pilhá-los entre dois fogos nas ruas de Malwen City.

Compreenderam e aprovaram suas palavras, voltando novamente aos seus cavalos e fustigando-os impiedosamente.

Divisaram finalmente Malwen City, que se erguia na distância, sob a pálida claridade do luar.

Tudo parecia em paz, ali. O sopro da destruição, da violência, não havia chegado ainda.

Todos procuravam não se afastar do grosso da força, a cuja cabeça ia George Manley.

Todos queriam ser os primeiros a entrar na luta, se esta chegasse a se produzir. Todos se sentiam excitados pelas últimas ações dos *iowas*. A lembrança dos ranchos destruídos e os cadáveres de seus moradores, escalpados, estavam presentes em todas as mentes.

De repente o vendaval pareceu crescer.

Chegaram até eles os estampidos das armas de fogo e agudos uivos, os eletrizantes gritos de guerra dos *iowas* quando se atiravam ao combate.

Obrigaram os cavalos a redobrar o passo, ainda que correndo o risco de os rebentar.

Enfiaram-se pela rua principal, até a primeira curva.

Ao dobrá-la, viram-se frente a uma massa de índios *iowas*, que ocupavam um grande trecho daquela artéria, atirando como demônios loucos.

George e os homens dispararam raivosamente.

Os índios abandonaram a idéia de incendiar as casas e correram às suas montarias, mas atirando sempre, sempre, sempre, desenfreadamente. Depois foram fugindo, um a um, embora ficassem uns quatro ou cinco, que George se encarregou de ir eliminando.

Os índios eram bons lutadores para um corpo-a-corpo, mas o desejo de vingança dos moradores de Malwen City superava o ódio ancestral dos selvagens contra os brancos.

George, coberto de sangue, abriu caminho, colocou-se no meio da rua e gritou:

— Um momento, minha gente!

Pararam todos. Haviam-se acostumado a obedecer àquele homem em poucas horas.

— Que é, George? — perguntou um dos rancheiros principais. — Quer impedir que a gente siga atrás dos índios?

— Não, Railing. A luta já terminou. É um bom momento para não levarmos nossa luta até as últimas conseqüências, mas para o aproveitarmos e firmar um tratado de paz muito mais vantajoso para todos nós. Ninguém vai mais fornecer armas aos selvagens, entendido?

Os homens não entendiam a respeito das armas de que falava George, mas entenderam suas intenções.

George prosseguiu:

— Não seria justo organizar uma horrível matança. Isso nos levaria até o acampamento deles. Vamos fazer um tratado de paz e vocês vão ver como nunca mais os *iowas* atacarão o povoado.

— *Okay*, George.

— Agora, retiremos nossos mortos e feridos, e façamos o mesmo com os *iowas*.

Viu que Vicky se aproximava para ajudar na retirada dos cadáveres, mas ele pediu que ela tratasse dos feridos.

— Alegro-me por vê-la sã e salva. Logo você poderá voltar para sua casa.

— Vi sua atuação, George. Sabe? Sempre estive enganada a seu respeito. Julgava-o um su-

jeito violento, tão violento no amor como no ódio. Mas você não é nada disso. Lutou contra esses índios com uma sanha inaudita, no entanto, sem ódio.

George olhou-a com reprovação e ela percebeu.

— Nunca se acaba de conhecer um homem, Vicky. Pode-se quando muito saber talvez determinadas qualidades dele. Mas o íntimo de um homem só ele mesmo chega a conhecer, e às vezes tão pouco...

Deu-lhe as costas com certa brusquidão, para se dedicar ao seu trabalho.

Quando terminou, encaminhou-se para o cavalo e montou-o.

— Ei, xerife — exclamou alguém —, depois de uma luta dessas, não vai repousar?

— É o mal de ser um xerife, amigo. Minha missão ainda não terminou e para mim a hora do descanso ainda está longe.

— Você está ferido.

— Nada de importância. Isso é muito pouco para liquidar George Manley. O doutor está ocupado agora, quando eu voltar vou procurá-lo.

Abandonou o povoado em direção ao Monte do Diabo. Segundo as informações obtidas por Vicky, Charles devia estar lá.

Subiu a montanha, alcançou a parte mais alta do caminho, perto dos restos do armazém, e então viu um homem.

Reconheceu Charles Owen, de pé, perto do cavalo, contemplando imóvel o que restava do armazém.

Olharam-se com desafio, como duas feras disputando a mesma presa.

George continuou cavalgando até uma distância prudente do outro. Ali freou e desmontou. sem deixar de observar o sujeito, para evitar alguma nova sujeira.

— Oi, Charles.

— Oi, xerife.

— Você veio se certificar de que tudo correu direitinho como em Malwen City?

Charles esforçou-se por conter o sorriso:

— Não pude inteirar-me de nada. Tive até muita sorte podendo fugir daqui antes do ataque dos *iowas*. Espero que você me explique, George.

— Deixe de sarcasmo, Charles. Seu jogo sinistro está terminado.

— Que pretende insinuar?

— Os *iowas* sofreram uma derrota completa, não puderam destruir nenhum rancho. Você fracassou nessa parte do plano. Na parte mais importante.

Charles riu agudamente, mas era um riso nervoso, falso.

— Não acredito em nada disso que está dizendo.

— Acredite ou não, isso não muda os fatos, meu caro. Agora venho prendê-lo em nome da lei.

Outra vez Charles deu uma gargalhada, tão falsa quanto a anterior.

— De que me acusa, xerife?

— De fornecer armas aos índios ilegalmente. De instigar os *iowas* contra os colonos da região, jogando em cima destes a culpa de ter assassinado índios. Também do assassinato de Magda, crivada de balas pelas costas, no segundo barracão.

Charles passou a mão pelo pescoço, engoliu em seco e despejou isto:

— Está louco, amigo? Isso são apenas hipóteses. Onde estão as provas do que disse?

— Eu as tenho. Vicky me ajudará a provar tudo contra você.

— Vicky está ali, no meio das cinzas. Pobre da minha mulherzinha, nem sequer teve o gosto do meu carinho especial de esposo bem-amado. Não pude tirá-la dos escombros, porque os *iowas*

já estavam atacando o segundo armazém, você entende, eu tive de fugir...

— Sórdido! Como você se engana. Vicky está viva, eu a salvei. Ela própria me contou tudo.

Os olhos de Charles se arregalaram ao ver a moça que chegava. Por um momento expressou o mesmo terror como se visse um fantasma.

Mais sereno, disse:

— O testemunho da esposa não é aceito pelo tribunal. Não há provas do que você afirma. Ela vai negar isso. Vicky está comigo, ela detesta você. Magda está morta. Ninguém mais sabe...

— Justo. E quem pode afirmar que vocês se casaram? Magda está morta. Vai ser a sua palavra contra a de todos.

Charles começou a sentir que as forças o abandonavam, porque a sombra da forca se projetava ali como uma maldição.

— Você não vai conseguir nada, sua besta, porque vai morrer antes!

George deixou-o vociferar e apanhar o *Colt* para dirimir a questão.

Então, acionou a mão direita numa velocidade meteórica, sacando antes que o adversário conseguisse elevar o cano do revólver.

Disparou três vezes consecutivas.

Charles agitou-se em espasmos violentos, à medida que o chumbo lhe penetrava no corpo.

Vicky olhou seu eterno inimigo, que acabava de estatelar-se no chão, sangrando abundantemente.

O xerife soprou o cano da arma, antes de guardá-la.

— E agora, George?

— Vou procurar o médico. Este danado de ferimento esta doendo muito. Você vem comigo?

— Sabe duma coisa? Ainda não estou muito certa do que devo ou do que não devo fazer, George. Creio que volto ao povoado onde nasci e me criei.

— Na cabana do Monte do Diabo estão várias peles deixadas por Charles, elas lhe pertencem. Darão bom dinheiro, se você as vender.

— Não quero as peles que Charles salvou do fogo, não quero nada, a única coisa que eu queria não vou conseguir nunca mais. Não posso culpar ninguém...

George pôs a mão no ombro dela e perguntou:

— Por acaso isso que você tanto deseja... sou eu?

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Então, estou aqui, Vicky. Você não perdeu coisa nenhuma, pois o meu amor é o mesmo. Grande, infinitamente superior, minha adorada.

Beijou-a docemente. Foi uma carícia que prolongou por longo tempo, já que ela retribuía, apertando-se cada vez mais de encontro ao corpo dele.

— Dizem que do ódio ao amor é só um passo, Vicky, mas do amor ao ódio, há uma grande distância.

— George querido...

— Graças a essa enorme capacidade do amor, você e eu vamos encontrar juntos a felicidade.

Vicky nada respondeu. Sentia-se imensamente feliz e, quando a felicidade se mostra aos olhos da gente, qualquer palavra é supérflua. O silêncio vale por milhões de palavras, e as palavras não ditas geralmente são as mais profundas e verdadeiras.

FIM

A seguir: HORDA DE FANÁTICOS
Não perca!

A **EDITORA MONTERREY** também pode lhe oferecer pelo **Reembolso Postal** os livros de sucesso das melhores editoras do Brasil.

EDUCAÇÃO SEXUAL E LITERATURA ERÓTICA

AV-043 A AVENTURA EXTRA-CONJUGAL — Morton Hunt ..... Cr$ 3.000,00
RC-223 A JOVEM PERDIDA — Drama sexual das mulheres frias — D. H. Lawrence ..... Cr$ 3.000,00
AV-050 A VIDA SEXUAL DA MULHER SOLTEIRA — H. Gurley Browne ..... Cr$ 3.000,00
AV-042 ASTROLOGIA E ANÁLISE CONJUGAL — Arnold Silvermann ..... Cr$ 2.000,00
RC-228 BODAS DE CRISTAL — A curiosidade da mulher — Silvina Bullrich ..... Cr$ 2.000,00
AV-045 COMO TRATAR AS MULHERES — O manual do amor — William Camus ..... Cr$ 2.000,00
RC-257 ESCOLA DO AMOR E DO CASAMENTO — O. Karsten ..... Cr$ 5.000,00
AV-046 ESTAS FOTOS FORAM MANDADAS PARA SUA ESPOSA — Philip Loraine ..... Cr$ 2.000,00
AV-040 O AMOR ME DÁ FOME — Christine de Ryvoire ..... Cr$ 3 000,00
RC237 O MATRIMÔNIO PERFEITO — Van de Velde Cr$ 5.000,00
RC-239 O SEXO FORTE — Os valores sexuais — Louis Gould ..... Cr$ 4.000,00
AV-071 PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL — O sexo na escola — Claude Legeune ..... Cr$ 1.500,00

ELETRÔNICA E ELETRICIDADE

AT-001 ABC DA ELETRICIDADE — Howard W. Sams Cr$ 4 000,00
AT-002 ABC DA ELETRÔNICA — Farl J. Waters .... Cr$ 4 000,00
AT-003 ABC DAS ANTENAS — Allan Lytel ..... Cr$ 4.000,00
AT-004 ABC DO RÁDIO MODERNO — Walter G. Salm ..... Cr$ 4.000,00
AT-006 ABC DOS TRANSFORMADORES E BOBINAS — Edward J. Bukstein ..... Cr$ 4.000,00
AT-005 ABC DOS TRANSISTORES — George B. Mann Cr$ 4.000,00
AT-007 AMPLIFICADORES DE FI E DETECTORES DE VÍDEO — Almeida Junior ..... Cr$ 4.000,00
AT-008 AMPLIFICADORES DE VÍDEO E SISTEMA DE CAG — Almeida Junior ..... Cr$ 4.000,00
AT-016 CAIXAS ACÚSTICAS — 30 projetos de fácil construção — G. A. Penna ..... Cr$ 4.000,00
AT-009 CENTO E UM USOS PARA O SEU GERADOR DE SINAIS — Middleton ..... Cr$ 5.000,00
AT-001 CENTO E UM USOS PARA O SEU OSCILOSCÓPIO — Middleton ..... Cr$ 5.000,00

AT-013 CINQUENTA CIRCUITOS COM DIODO RETIFICADOR E ZENER — Soar ..... Cr$ 3.060,00
CV-163 CIRCUITOS DE CORRENTE ALTERNADA — Kerchmer ..... Cr$ 10.000,00
AT-012 CIRCUITOS DE VARREDURA E PONTES DE ALIMENTAÇÃO — Almeida Júnior ..... Cr$ 4.000,00
TE-005 COMPENDIO DE CURIOSIDADES ELETRONICAS — Montagens diversas em Kit — Idim... Cr$ 4.000,00
AT-023 EDIÇÃO HISTÓRICA COMEMORATIVA — Com ilustrações do Rádio no Brasil, há meio século — Antena ..... Cr$ 4.000,00
CV-166 ELETRONICA — Teoria e prática — H. W. Price ..... Cr$ 5.000,00
AT-041 EQUIPAMENTOS ELETRONICOS PARA SEU AUTOMÓVEL — G. A. Penna ..... Cr$ 3.000,00
TE-001 ESQUEMAS NACIONAIS DE TV — 5 Volumes — Orientações — I. H. Cabrera — cada volume Cr$ 3 000,00
HM-042 ILUMINAÇÃO EXTERNA — Vitório Re. .... Cr$ 2 000,00
HM-041 ILUMINAÇÃO INTERNA — Vitória Re. .... Cr$ 2.000,00
AT-030 MANUAL PRATICO DO EXPERIMENTADOR ELETRONICO — 3 Volumes — Para aprendiz Selton — cada volume ..... Cr$ 1.000,00
AT-029 MOTORES ELÉTRICOS — Manual básico — Raul P. Torreira ..... Cr$ 4.000,00
AT-033 NOVOS CIRCUITOS PRÁTICOS DE AUDIO HI-FI ESTÉREO — G. A. Penna ..... Cr$ 2.000,00
AT-034 O CANAL DE SOM E O SEPARADOR DE SINCRONISMO — Almeida Júnior ..... Cr$ 4.000,00
AT-038 SELEÇÕES DA REVISTA DO SOM — Antenna Cr$ 3.000,00
AT-042 TELEVISÃO EM CORES — Modernas técnicas de TV — Almeida Júnior ..... Cr$ 4.000,00
CV-162 TEORIA E CIRCUITOS DE SEMICONDUTORES — Edições Globo ..... Cr$ 6.000,00
AT-044 TRANSISTORES — EQUIVALÊNCIAS — Edição ampliada — Miuderkring ..... Cr$ 10.000,00

Continua no n.º 147 da Coleção OESTE BRUTAL

Faça hoje mesmo o seu pedido para:
EDITORA MONTERREY LIMITADA
Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo nº 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

EM TODAS AS BANCAS

"VEJA" OS MELHORES "FILMES"
DO MÊS LENDO AS COLEÇÕES:

CHUMBO MORTAL

UM BANGUE-BANGUE
EXCEPCIONAL CHEIO DE
TERNURA E VIOLÊNCIA.

OESTE perigoso

O VELHO OESTE
COM PÓLVORA
E SENSUALIDADE.

CHUMBO GROSSO

HISTÓRIAS ELETRIZANTES
CHEIAS DE AMOR
NASCENDO DO ÓDIO.

MULHER & COLT

GIOVANNA,
A BELA E SENSUAL REPÓRTER
QUE IMPÕE A LEI NO OESTE.

CHUMBO QUENTE

UM FAROESTE
CHEIO DE EMOÇÃO,
SENSUALIDADE E VIOLÊNCIA.

EDITORA MONTERREY LTDA.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: **Cr$ 700,00**